

N A C H M A N F A L B E L

AS HERESIAS DOS SÉCULOS XII E XIII

Tese subsidiária apresentada à
Cadeira de História da Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras
da Universidade de São
Paulo.

S A O P A U L O

1 9 6 9

C O N T E Ú D O

	Página
Introdução	I
Os Albigenses	10
Os Valdenses	44
Os Pseudo-Apóstolos	55
Joaquim de Flora	63
Os Beguinos	75
Conclusão	92
Bibliografia	97

I N T R O D U Ç Ã O

Os séculos XII e XIII poderiam ser chamados os séculos heréticos, caso pudéssemos olhar a história de uma época ou período sob um único prisma, ou seja, a história de Igreja ocidental.

A grande variedade e a multiplicação de movimentos ou grupos heréticos nestes dois séculos levam-nos a perguntar e a inquirir sobre as causas que levaram a concentrar uma oposição tão forte, e mesmo violenta contra o corpo eclesiástico e contra as verdades tradicionais da Igreja Romana. Na verdade podemos ver na crítica herética, ou melhor dito, em parte desta crítica, uma tentativa de apontar os erros e os desvios da instituição eclesiástica, da sua intervenção no poder secular às custas de sua missão espiritual; enfim uma tentativa de alertar a sociedade cristã que os seus representantes desvirtuaram a verdadeira imagem da religião fundada por Cristo.

À medida que esta crítica é feita, mais se aprofundam as diferenças entre o estado reinante de coisas e a imagem do passado cristão.

Não há uma possibilidade de diálogo uma vez que a crítica herética sonha em voltar a um passado que ficou de há muito para traz. Sua linguagem, agressiva, não é entendida ainda que a heresia se bate pela volta ao estilo de vida do Cristo e seus primeiros discípulos, os apóstolos. A pobreza, a humildade, a caridade dos primeiros tempos da religião não é bem o que caracteriza a Igreja nos séculos XII e XIII. O herético apela ao devaneio místico para fugir desta realidade e construir uma nova Jerusalém.

E pouco pôde, de concreto, alcançar a crítica herética, já que a Igreja, além de atuar em uma sociedade altamente hierarquizada, baseada na obediência contratual e normalmente feita sob juramento, tinha como elemento auxiliar no combate à heresia, o braço secular. E, à medida que aumenta o número das heresias e sua influência, se procura aperfeiçoar os instrumentos mobilizados para combatê-las.

Assim, a Inquisição surge no cenário da história européia do século XIII para se tornar uma instituição de temor bem marcante.

Também não podemos desligar o fenômeno do surgimento das heresias nestes séculos de seu contexto histórico amplo, ou seja, o renascimento comercial e urbano a partir do século XII e que vai se intensificando cada vez mais, após um longo período de recesso e estagnação, que se estendeu até o século XI.

É curioso observar que grande parte da heresia tem fundamento urbano e se manifesta entre o elemento humano que habita a urbe. O campo pouco tem a ver com a heresia. Portanto não deixa de ser verdadeira a afirmação de um medievalista de nossos dias ao escrever: "Aprés 1100, le développement des courants religieux orthodoxes ou opposés au christianisme, valdeisme, catharisme, hérésies populaires, et la croissance des villes avaient confirmé la pertinence de ces options spirituelles. Vers 1200, les progrès de l'économie commerciale ou biens, meubles et monnaie étaient de plus en plus abondants, permettaient de maintenir longtemps et largement une vie de dépouillement et d'apostolat".

Notamos um aumento demográfico acentuado a partir do século XI que, como uma de suas conseqüências levará a de

terminar novos agrupamentos, criando confrarias, corporações, enfim, uma nova situação social. Há uma tendência claramente comunitária, agrupante, na nova sociedade medieval.

Por outro lado podemos considerar como fator decisivo e importante no desenvolvimento das heresias, o impulso cultural e espiritual motivado pelo chamado Renascimento do século XII. Até o século XII foram traduzidos ao latim partes da Lógica de Aristóteles, a grande parte do Timeu de Platão, a Matéria médica de Dioscoridos, o Physiologus, os tratados de Galeno e Hipócrates e partes do Liber Regalis de Ali ibn Abbas. Nos séculos XII e XIII é que se traduziram ao latim a grande parte dos textos árabes, gregos e hebraicos⁽¹⁾. Praticamente, a partir daí é que Aristóteles passou a ser conhecido no ocidente. Até lá o platonismo na interpretação agostiniana era imperante. Uma boa parte destas traduções se deve à famosa Escola de Tradutores de Toledo que introduziu os textos árabes nos estudos ocidentais, no período de 1130 a 1150 sob a égide de Raimundo, arcebispo de Toledo. Neste trabalho destacam-se os nomes de Domingos Gundisalvo (Gundisalpinus) e João de Sevilha⁽²⁾.

Toledo passou a atrair estrangeiros que colaboravam na divulgação destas traduções formando novas escolas, como as de Gerardo de Cremona e Miguel Escoto, que trabalhavam com auxílio de hebreus e árabes.

(1) GENICOT, L. - Le XIIIe, siècle européen. N.Clio, Paris, 1968, pp. 213-218,

(2) PELAYO, M.M. - História de los heterodoxos. B.A.C., Madrid, 1965, vol. 1, p. 428; v. também NUNES, Rui Afonso da Costa - Gênese, significado e ensino da filosofia no século XII. Tesé de Doutoramento (mimeografada). São Paulo, 1967, pp. 193-195.

A interpretação da filosofia de Aristóteles pelos pensadores árabes chegou à Faculdade de Teologia de Paris juntamente com as traduções, introduzindo o germe das heresias teológicas que manifestara Amaury de Bene e David de Dinant.

Amaury de Bene (†1206-7) foi estudante em Paris e veio a ser, mais tarde, um de seus professores mais ilustres, chegando mesmo a ser convidado por Filipe-Augusto a ser o preceptor do Delfim. Vinculando-se ao pensamento de Escoto Erigena († 877) chegou a formular uma concepção claramente panteísta. "Tudo é em tudo, tudo é em Deus, Deus é tudo. Deus é simples, a natureza é simples. Mas duas substâncias simples não diferem entre elas. Deus e a matéria se confundem, portanto Deus se conhece em se refletindo na multidão de criaturas onde a essência é única. Ele é inteligência que organiza e a essência do que é organizado. Por outra parte, a inteligência é idêntica ao objeto do conhecimento" (1). Ao mesmo tempo, Amaury procurou harmonizar sua concepção com os dogmas cristãos. Afirmava que o mundo momentaneamente diferenciado devia corresponder a tres épocas classificadas sucessivamente sob a dependência de uma das três pessoas da Trindade. No curso da segunda época, cada fiel deve se considerar como um membro de Jesus Cristo, e na terceira época, cada um poderá se considerar como a encarnação do Espírito Santo. A consequência deste pensamento é que cada homem será submetido à ação salvadora direta do Espírito Santo, sem a mediação do simbolismo sacramental. De fato, ao seu ver, os sacramentos substituíram

(1) AEGERTER, E. - Les hérésies du moyen age. Ed. E. Leroux, Paris, 1939, p. 62.

a lei, e êstes, por sua vez, serão substituídos pela ação imediata do Espírito Santo. Está claro que o pensamento de Amaury, inevitavelmente, se chocava com a ortodoxia, uma vez que contradizia o dogma da eucaristia, o julgamento após a morte, a punição dos pecados, bem como os sacramentos. Já que a anulação final em Deus é o fim de tudo, fica suprimida a vida futura individual e deixa inutilizadas as recomendações purificadoras da Igreja.

Podemos encontrar em suas afirmações um apoio na autoridade de São Paulo, bem como na de Aristóteles. Na Epístola aos Coríntios, I, XV, 28, lemos: "Deus omnia in omnibus"; na Epístola aos Colossenses, I, 16: "In ipso condita sunt universa in coelis in terra, visibilia et invisibilia".

Em 1204, Amaury foi reprovado pelos seus colegas da Universidade de Paris, por ter ensinado que nenhum homem pode se salvar se não crê que é um dos membros de Cristo, ou seja, que participa da divindade. Apelando ao Papa, Amaury foi condenado em 1207. Logo depois acabou abandonando sua cadeira em Paris e se retirando em um convento onde veio a falecer.

Mas o pensamento de Amaury criou asas entre seus discípulos, os amalricianos, que se aprofundaram na heresia. Falavam de uma tríplice encarnação de Deus, como Pai em Abraão, como Filho em Cristo e como Espírito Santo em cada crente. Negavam os sacramentos e as instituições eclesásticas, viam no Papa o Anticristo e pretendiam ilimitada liberdade moral. A seita foi descoberta em Paris, em 1209, e condenada em concílio em 1210; foram degradados das or-

dens sagradas e entregues ao braço secular que os fez queimar. Entre estes o ourives Guilherme e um bom número de clérigos. O corpo de Amaury foi desenterrado e reduzido a cinzas que foram dispersas por todos os cantos. Em 1215, o concílio de Latrão renovou a condenação aos amalricianos.

David de Dinant († 1215) também foi panteísta e lente de filosofia em Paris. Foi aristotélico mais puro, revalorizando o antigo panteísmo e não fugindo mesmo de suas consequências materialistas. Tanto os "Quaternuli" como o "Liber de tomis sive de divisionibus" foram condenados ao fogo pelo sínodo de Paris de 1210. No que toca à proibição aos livros de Aristóteles e David Dinant, pouco efeito teve, a ponto de se ter de renová-la nos estatutos que o legado Roberto de Courzon deu à Universidade de Paris. Nestes estatutos se autoriza o estudo dos livros dialéticos e éticos de Aristóteles, mas se proíbe os de metafísica e filosofia natural, a Suma ou o resumo deles e os tratados que encerram doutrinas de Amaury de Chartres, David de Dinant e Maurício Hispânico. Conforme a citação de Pelayo (tiradas de Duboulay, Historia Universitates Parisienses): "Non legantur libri Aristoteles de Metaphisica et naturali Philosophia nec summa de eisdem aut de doctrina Mag. David de Dinant aut Amalrici haeretici, aut Mauricii Hispani".

Como vemos, Aristóteles, ao ser traduzido ao latim, causou certa inquietação intelectual na Universidade de Paris ao ponto de associar-se seus escritos as heresias de Amaury de Chartres e de David de Dinant. Na verdade o pensamento aristotélico teve influência não tão direta sobre estas heresias teológicas e nenhuma sobre as heresias popula-

res do tipo da dos albigenses, valdenses ou dos beguinos. Estas nasceram e se inspiraram no sentimento popular e não no criticismo teológico; no ataque às instituições e costumes eclesiásticos e não na especulação filosófica.

Amaury de Bene teve sua importância como elemento de transição entre um tipo de heresia, a teológica restrita ao círculo da Universidade de Paris e a heresia popular com expressão ampla nas camadas populares. O panteísmo de Amaury empregava a língua vulgar, possuía formas ontológicas precisas e simples e apresentava determinado caráter profetista que antecipa o tipo de heresia popular Joaquimita que tanta influência teve na heresia medieval.

Não é nossa intenção, com este trabalho, tratar de todas as heresias dos séculos XII e XIII, mesmo porque seria impossível no marco de um trabalho como o nosso. A nossa intenção foi selecionar as heresias que tiveram maior repercussão no seio da Igreja e causaram maior impacto entre os homens da época, seja sob o aspecto do número de seus aderentes ou pela força de penetração de sua concepção ou doutrina.

Assim, deixamos de mencionar seitas como a dos "Luciferinos", combatidos por Conrado de Marburgo; a dos "Irmãos do novo (Livre) Espírito", com muitos grupos em muitos lugares e independentes uns dos outros; a dos "Stedinger", combatidos pelo arcebispo de Bremen e mais tarde por Frederico II e Gregório IX, que acabaram arrasando com aqueles camponeses habitantes do curso inferior do Weser; a heresia do holandês Tanquélmo que se insurgiu contra os eclesiásticos, declarando inválida a sua administração dos sacramentos,

sendo morto em 1151; a do bretão Eudo de Stella, que foi condenado pelo sínodo de Reims de 1148; a de Pedro de Bruys, que pregou contra o batismo das crianças, contra a eucaristia e a missa, contra os edifícios eclesiásticos e angariou amplas adesões entre a população, porém foi queimado em 1132 ou 1133. Seu seguidor, Henrique de Lausana, continuou pregando por volta de 1145 sendo combatido também por São Bernardo; a dos "Passagios", da Itália setentrional, que queriam a observância literal da lei mosaica, negavam a divindade de Cristo e lutavam contra a organização material da Igreja; a heresia de Guillelma (1260-1281) originária da Boêmia, mas que atuou na Itália. Juntamente com um homem, Andrea Saramiti, e uma religiosa da ordem dos Humiliados, irmã Manfreda, Guillelma se identificou com Cristo, vivendo e sofrendo da mesma maneira e, conforme a crença de seus adeptos, ressuscitou e subiu ao céu, deixando na terra a irmã Manfreda. Esta, a dado momento, por meio de um sinal vindo de cima, subirá ao pontificado como o Papa do Espírito Santo, que esperará o fim do mundo, rodeada de um colégio feminino de cardeais. Morrendo, Guillelma, em 1281, foi enterrada na capela de Chiaravella, continuando irmã Manfreda com a heresia até seus excessos despertarem a atenção das autoridades eclesiásticas. Manfreda e outros, bem como os restos de Guillelma acabaram subindo à fogueira. Estimando o iminente desaparecimento da Igreja consideravam o Papa um intruso sentado provisoriamente sobre o trono de S. Pedro. O homem, mais elevado, não necessitará de uma imagem entre a sua consciência e a verdade. Destruída a Babilônia e vencido o Anticristo, Manfreda vestirá a tiara, os Evangelistas do Espírito surgirão e explicarão aos homens a verdade e não seu símbolo

revestido de mistério e de sacramentos.

Como os acima enumerados, muitos foram os grupos e seitas heréticas da época e que deixamos de tratar pelas razões anteriormente mencionadas.

Também chamamos a atenção especial ao papel desempenhado por Joaquim de Flora que poderia ser considerado como a fonte principal das heresias populares, que em um aspecto ou outro, sofreram influência de suas idéias e visões apocalípticas. Em grande parte das heresias vemos a presença espiritual do místico calabrez. Cabe ainda observar que a heresia no seio da Ordem Franciscana será motivo de estudo mais detalhado na nossa Tese de Doutorado que tem por título: "A Ordem Franciscana na Idade Média".

ALBIGENSES OU CATHAROS

1. Surgimento da heresia
2. Dois partidos
3. O ataque da Igreja
4. Colapso final
5. As fontes catharas
6. A doutrina cathara
7. Os Perfeitos
8. O Consolamentum
9. Os crentes
10. Organização da igreja cathara
11. A cristandade frente a heresia
12. A cruzada espiritual (1147-1209)
13. A cruzada albigense

Apêndices

ALBIGENSES OU CATHAROS

Os catharos se distinguem das demais seitas da época pelo caráter dualista de sua doutrina.

Dualismo neste sentido quer dizer, a crença de que a bondade existe somente no mundo espiritual do bom deus; e que o mundo material é mau e foi criado por um deus mau ou espírito chamado Satan. O Bom e o Mal possuem dois criadores diferentes.

As seitas gnósticas também tinham as mesmas idéias.

No Oriente Médio, o Manicheísmo (Mani), adotou essas idéias e foram disseminadas nos inícios da Idade Média, nos Balkans e no Oriente Próximo pelas seitas dos Paulicianos e Bogomilos. Os catharos estão relacionados aos dos últimos. E eram conhecidos no Ocidente como Publicani (corrupção de Pauliciano e também um eco dos publicanos do Novo Testamento) ou Bougres (isto é, Bulgaros, pois a Bulgária era o lugar dos Bogomilos) mais tarde como Cathari (cathari - puros) ou albigenses, da cidade de Albi, um dos centros de influência no sul da França.

A palavra Albigense, talvez se refira a todos os heréticos da região, também os Valdenses.

Surgimento da heresia

Na primeira metade do século XI, grupos isolados de heréticos, aparecem, porém pouco se conhece de seus costumes. Estes grupos são anticlericais e puritanos e talvez alguns dualistas. Estes grupos aparecem na Alemanha Ocidental, Flandres, França e norte da Itália. Mais tarde

não se houve falar mais nêles. Porém, no século XII, reaparecem nos mesmos lugares.

O período mais rápido de crescimento vem após os 30 anos seguintes a 1140. Neste período a igreja Bogomil é reorganizada, formando episcopados, enviando missões.

A reforma gregoriana, foi acompanhada de um entusiasmo popular mas a igreja falhou em canalizar esse entusiasmo. O desenvolvimento da educação clerical e a elevada ênfase dada a importância dos sacramentos, fêz do clero mais uma classe a parte e deixou os laicos com pouca possibilidade de desenvolver sua própria iniciativa nos assuntos da igreja. Foi entre os cavaleiros pobres, mercadores e artesãos que a heresia se tornou mais popular no século XII.

O movimento herético foi um aspecto do renascimento religioso da época, e, em parte, pelo menos foi um subproduto das mudanças culturais, sociais e econômicas dos séculos XI e XII.

A pregação de S. Bernardo contra a heresia não se mostrou muito eficiente.

Cerca de 1149, o primeiro bispo se estabeleceu no norte da França; anos mais tarde, estabeleceram-se em Albi e na Lombardia. A autoridade destes bispos não estava bem definida. O bispo Nicetos dos Bogomilos visitou o oeste em 1167. Visitou a Lombardia e o sul da França.

Nos anos seguintes mais bispos foram instalados na Itália. No fim do século já existiam 11 bispados no total, um no norte da França, e quatro no sul (Albi , Toulouse, Carcassonne, Val d'Aran), dois outros foram

acrescentados mais tarde, e seis na Itália (Concorezzo, perto de Milão, Desenzano, Eagnolo, Vicenza, Florença e Spoleto).

Foi na segunda metade do século XII, que a palavra cathari foi usada pela primeira vez na Alemanha, em 1163.

Dois partidos

A multiplicação de bispados na Itália é devida também a uma divergência doutrinal. O bispo Nicetas veio ao oeste em 1167 para insistir junto aos seus colegas para seguir um dualismo mais rigoroso. A diferença era interna, da própria igreja Bogomil, entre os que acreditavam que Satan, o criador do mundo foi uma vez anjo de Deus que caiu em desgraça, e aqueles que acreditavam que êle era uma divindade independente. A posição anterior implica em que Deus foi o criador universal e assim envolve um dualismo modificado, a última posição claramente afirmada no "Liber de duobos principiis", escrito por um associado a João de Luzio, o herético, bispo de Bérgamo, era mais radicalmente dualista. Os do sul da França eram mais radicais no seu dualismo, e os da Itália divididos em duas partes. Mas a divergencia variava de lugar para lugar.

A matéria, todos concordavam era mal. O homem é alienado, é um habitante num mundo mal, e sua finalidade deve ser a de restaurá-lo para a comunhão com Deus. Acreditavam na redenção dos espíritos, ainda que nem sempre na redenção universal. Também acreditavam na transmigração das almas do homem ao homem, e do homem à besta, pois animais também possuem almas.

Tinham regras para jejuar e a carne era proibida

da. Relações sexuais eram proibidas, tinham horror à procriação, pois implicava no aprisionamento de seus espíritos, ao mundo da carne. Acreditavam piamente no celibato, e em qualquer forma ascética de renúncia ao mundo, olhavam favoravelmente ao suicídio.

Pelo extremo ascetismo os catharos, na verdade, eram uma igreja de eleitos. Mas sendo popular se distinguem então dois corpos de fieis: os "perfeitos" e os "crentes". Os perfeitos eram postos à parte das grandes massas dos crentes com uma elaborada cerimônia de iniciação, ou batismo espiritual, o consolamentum. Havia nos perfeitos, uma hierarquia de bispos e diáconos, mas não tinham o direito exclusivo de administrar os sacramentos.

À parte do consolamentum e ordenação, os catharos tinham outros dois sacramentos: penitência e a quebrado pão. Este último era uma espécie de comunhão, pois não acreditavam na transubstanciação. Os perfeitos se dedicavam à contemplação e se esperava que mantivessem o mais elevado nível moral, sendo privilégio dos crentes provisoriamente privá-los de alimento.

Os crentes não poderiam ter o alto nível dos perfeitos, sendo acusados pelos católicos de todos os tipos de vícios. Sendo as relações sexuais proibidas, não podiam ser inteiramente suspensas, provocando-se desta forma aberrações neste tipo de relações, sendo acusados por isto. Mas talvez estas acusações sejam exageradas.

As doutrinas catharas da criação, levaram-nos a reescrever o relato bíblico e a elaborar uma mitologia que a substituísse e negar a noção de que t^oda Bíblia é sa

grada. Viam o Velho Testamento com reserva, e o Novo Testamento era reinterpretado. A doutrina da reencarnação de Deus era impossível aos catharos. Jesus foi um anjo que veio para indicar o caminho da salvação, não para êle fornecer-lo pessoalmente: seus sofrimentos e morte são uma ilusão.

O Ataque da Igreja

Pelo fato das doutrinas catharas negarem o Cristianismo, ortodoxo e as instituições da cristandade, as autoridades da igreja e do Estado se reuniram para atacá-las.

Heréticos do século XI e princípios do século XII morreram mais pelo zêlo das autoridades laicas ou da violência da turbamulta instruída pelas autoridades eclesiásticas.

Mas com o crescimento da heresia fàcilmente se chegou à conclusão de que é preciso uma perseguição mais sistemática.

Em 1184 o Papa Lúcio III e Frederico Barbarossa se reuniram em Verona e tiraram o decreto Ad Abolendam, que coloca o procedimento para um julgamento eclesiástico, que após o mesmo permite a entrega de um herege ao braço secular para a punição, que significa confisco da propriedade, exílio ou, possivelmente, a morte.

A tradição estabeleceu a fogueira como a punição merecida de um herege não arrependido.

O Papa Inocência III (1198-1216), preferia a conversão do que a perseguição. Mas os catharos não eram dados a se deixar levar pela conversão, já que o crescimento

dominante da heresia no sul da França e norte da Itália parecia lhes mostrar a preponderância sobre a igreja católica.

Recrutados eram entre os humildes, grandemente entre os artesãos, a tal ponto que eram chamados os Tece-lões e, é sob este nome que é notada sua presença na Inglaterra, em 1160, por William de Newburgh e outros autores. Mas na Provença e outras partes da Itália eles recebem o apoio da nobreza.

Inocência III, com o esforço de conseguir o apoio de Raimundo VI, conde de Toulouse para terminar com a heresia, termina em desastre. O legado papal Pedro de Castelnau, é assassinado (em 15/1/1208). Uma cruzada é declarada com um exército liderado por um grupo de barões do norte da França que massacram Toulouse.

A cruzada foi violenta e cruel, mas a perseguição organizada por Luiz XI, em aliança com a Inquisição nascente foi mais efetiva para quebrar o poder dos catharos. Em 1244 a grande fortaleza de Montsegur, perto dos Pirineus, foi capturada e destruída. Os catharos passaram à subterraneidade e muitos dos catharos franceses fugiram para a Itália onde a perseguição era menos intensa.

Colapso final

Com a fundação da Ordem Dominicana, no século XIII, se criaram elementos dotados à perseguição, julgamento e conversão de heréticos. A Inquisição se desenvolve gradualmente no século XIII. Por outro lado, a fundação da Ordem Franciscana levou a ameaçar os catharos, sob outro aspecto, pois S. Francisco pregava as mesmas classes em que se apoiavam os catharos, mas sua mensagem era de alegria, e ela afir

mava que o mundo era de Deus, e era bom. É melhor crer que a falha dos catharos estava na sua doutrina e apêlo, do que devido às fogueiras da Inquisição. É sabido que o catharismo desapareceu na França e Itália ao mesmo tempo, ainda que a perseguição fosse maior na França.

Entretanto na França meridional, com a proteção da nobreza e aproveitando-se da negligência do clero, os albigenses haviam-se constituído numa potência terrível; uma parte da burguesia tinha-se passado para o lado dêles. O papa Inocência III, enviou repetidamente, a partir de 1198 a França meridional cisterciense na qualidade de legados, mas com pouco resultado. Sua apresentação pomposa não era indicada para reduzir ao silêncio as censuras que os hereges lançaram contra a riqueza da Igreja e lucro do clero.

Até a obra missionária, desenvolvida com a abnegação por S. Domingos, não obteve resultados muito melhores.

No capítulo XIII do "Libellus de principiis ordinis praedicatorum", de Jordão de Saxonia, lemos: "Naquele tempo o papa Inocência havia enviado doze abades da Ordem cisterciense com um legado para predizar a verdadeira fé contra os hereges albigenses" (Santo Domingo de Guzmán, su vida, su orden, sus escritos, B. A. C., Madrid, 1966).

Ibid, capítulo XIX: "Durante o tempo que estiveram as cruzadas lá até a morte do conde de Montfort, foi frei Domingo o predicador afanoso da palavra de Deus," p. 158.

Já em 1207, Inocência incitou o rei Felipe Augusto e outros a reprimirem com as armas a heresia no concílio

lio de Tolosa. Quando, em janeiro de 1208, o legado papal Pedro de Castelnau da Ordem cisterciense foi assassinado, o papa conclamou uma cruzada contra os albigenses e seu poderoso protetor, o conde Raimundo VI de Tolosa, e reuniu um considerável exército, composto, em grande parte, de franceses do norte. A guerra albigense (1209-1229), que teve início sob direção militar de Simão de Montfort e a direção eclesiástica do legado papal, o abade Arnaldo de Cister, foi travada por ambas as partes com selvagem crueldade (massacre de Béziers, 1209), e se prolongou muito também devido às segundas intenções egoísticas de Simão e de outros barões.

A paz de Paris de 1229, assinalou finalmente o término, quando quase toda a França meridional já estava devastada e a força da heresia subjugada; só alguns pequenos núcleos heréticos se mantiveram ainda vivos, obscuramente, por certo tempo, malgrado a perseguição movida pela Inquisição.

Ao contrário do norte, no Midi, os laços feudais não eram tão sólidos.

Os reis da França, principalmente com Felipe Augusto conseguiram criar a unidade na Île-de-France, subjugando os grandes senhores feudais. Os fatores da desagregação do império carolíngio, em decomposição, foram superados por fatores que favoreceram a união, tais como as invasões normandas no oeste e os magiares no leste. A defesa e a organização frente o perigo das invasões, é que estreitaram os laços do feudalismo do norte.

De acordo com Belperron a máxima militar do norte: "Nenhuma terra sem senhor", no Midi é conservada por

uma fórmula jurídica "Nenhum senhor sem título" (1). Assim se procura mostrar o caráter diversificado do feudalismo militar do norte e o jurídico, sob influência romana, do Midi. As consequências destas diversificações são que o "allodium" persistirá no Midi, demonstrando o caráter independente dos grandes senhores. Também no norte o " ~~hospitium~~ " tem caráter religioso sacro, que é diminuído ou quase inexistente no Midi, já que a igreja se encontra debilitada pela heresia que prescreve o juramento.

Isto explica porque os Raimundos de Tolosa, senhores por direito, de todo o Midi, não encontrarão as forças necessárias para impor a sua autoridade, em seu próprio domínio, assim como os Capetos fizeram à França da "langue d'oïl".

Como antecedentes da cruzada contra os albigenses, podemos ver na ação de Alfonso II, de Aragão e seus aliados, os Trencavel e Ermengarda de Narbona, invadirem a Rouergue, ao mesmo tempo que o legado, Henrique de Albano reunia uma cruzada de sulinos e provinciais para assediar Lavaur a fim de obrigar Roger Trencavel a romper com os heréticos.

Nas batalhas travadas, o emprêgo de " ~~rou-~~ tiers" (2), de mercenários, de ambos os lados se faz sentir, já que era hábito da época.

(1) BELPERRON, Pierre - La croisade contre les albigeois et l'union du Languedoc a la France (1209-1249). Paris, 1942, p. 19.

(2) GUÉRAUD, H. - Les routiers au XII^e siècle, In Bibl. de l'École de Chartes, 1842-43.

Também, as grandes cidades do Midi, que conquistaram a sua liberdade, são cidades opulentas e ricas, que estão nas mãos de uma aristocracia meio nobre e meio burguesa, capaz de se opor, eficazmente, contra os poderosos feudais. Sabemos que estas cidades não se uniram em uma frente única para se opor ao invasor. É evidente que, em lugar de ver somente seus interesses próprios, se unissem para apoiar Roger Trancavel e mais tarde, Raimundo VI, dando-lhes apoio financeiro, mobilizando seus cavaleiros e milícias, a aberto as tropas languedocianas o abrigo de suas muralhas, a Cruzada não teria conhecido sucesso impar e, Simão de Montfort seria incapaz de se manter no Languedoc. O fato é que as cidades não eram uniformes, pois Narbona, Montpellier, Nîmes, Cahors e Rodez eram católicas. E não tinham nenhuma razão para combater a cruzada.

As Fontes Catharas

Pouco se sabe dos livros, ou das fontes catharas, não restando nenhum documento original que permita a investigação sobre fontes diretas, a exceção de um Novo Testamento, traduzido ao provençal seguido de um ritual catharo em "languè d'oc". Talvez os tratados catharos já limitados numericamente por ser doutrina esotérica para uma elite, os Perfeitos ou Puros, fossem eliminados sem deixar vestígio pelo aparato inquisitorial.

Temos enfim três tipos de fontes para estudar a heresia: a) os processos deixados pela Inquisição; b) os escritos dos polemistas, que para combaterem a heresia detalhavam os seus erros; c) os manuais que certos inquisidores compuseram para orientar os seus iniciantes no combate à heresia.

Os que combateram a heresia foram Bernardo de Clarvaux, Eckbert, monje de Schönau que escreveu contra os catharos alemães de Colônia, Alain de Lille, professor de Paris e Montpellier e também os italianos, Raynier de Sacconi (1190-1258), autor da Summa de Catharis et Leonistis seu pauperibus de Lugduno, foi bispo catharo fazendo profissão de fé católica entre os dominicanos; Bonacorsi, que escreveu em Milão seu Manifestatio heresis catharorum, foi doutor e bispo da seita.

Entre os autores de manuais para inquisidores, o mais célebre é Bernard Guy, o inquisidor de Toulousain. Sua Practica Inquisitionis haeriticae praevitatis, escrita em princípios do século XIV, é uma verdadeira obra histórica, onde o autor completou sua experiência pessoal com uma abundante documentação tirada de seus predecessores.

As estas fontes é preciso ajuntar outras, tais como, correspondências, crônicas, decretos papais, cânones de concílios, que permitem controlar os primeiros. Pierre des Vaux-de-Cernay abre a sua história com uma tabela precisa e documentada das heresias cathara e valdense.

Devido aos problemas criados ao império bizantino pelas inúmeras heresias que grassavam sucessivamente até o século IX, os manicheus, apesar das perseguições que sofreram, puderam se manter nos séculos XI e XII, onde os encontramos implantados sob o nome de Bogomilos em Constantinopla e nos Balcãs.

Sacconi. contou seis igrejas catharas do Oriente, duas em Constantinopla, uma latina e outra grega, outras na Bósnia, na Rumânia, na Bulgária e na Dalmácia.

Desde o século XII, a Lombardia conta, por sua vez, com sete igrejas catharas. A heresia é admitida em Milão, Viterbo, Ferrara, Florença, Vicenza, Spoleto, etc.

A luta iniciada por Inocencio III contra a heresia, se faz nesta fase somente com armas espirituais. Mas, o perigo na Itália é bem menor que o do Languedoc. Apesar das cidades lombardas sofrerem a influência do catharismo, a maioria católica ainda se impõe. No Languedoc, a conversão do conde de Toulouse e dos altos barões, à heresia ameaça tirar uma parte da França da comunidade cristã.

A doutrina cathara

Na verdade o fundo da doutrina cathara encerrá o eterno mistério da coexistência e da relação de Perfeito e do Imperfeito, do Absoluto e do Relativo, do Eterno e do Temporal, do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria.

Procurando conciliar o inconciliável, êstes adeptos afirmavam que Deus, infinitivamente bom e perfeito, não podia ser o criador de um mundo mau e corruptível. Portanto, o mundo da matéria é obra de um segundo deus, o deus do mal, que o criou para se sobrepor ao deus bom.

Os catharos não estavam inteiramente de acordo sobre a natureza dêste deus-mau que êles chamavam de Satan, Lucifer ou Lucibel. Os de Languedoc afirmavam a coexistência dos dois deuses, sem que um saísse do outro, enquanto que os monarquianos, numerosos na Itália, acreditavam que Lucibel não era mais que um demiurgo, uma encarnação do deus-bom, e que agia de acôrdo com a vontade dêste. Os monarquianos se aproximavam, portanto, de um monoteísmo católico.

A cosmogonia cathara não é muito rígida e podemos ver nela algumas concepções do mundo. Os dualistas que não admitem a participação do deus-bom, são obrigados a dar ao deus-mau, o poder de criar o mundo ex-nihilo: Os monarquianos são obrigados a aceitar o fato de que o deus-bom criou o caos ou os quatro elementos e que em seguida Satan-Lucibel fez o mundo.

A criação do homem se explica da seguinte forma: Lucibel, após ter criado a terra, decidiu povoá-la e constituir uma milícia destinada a combater o deus-bom. Penetrou no céu, seduziu alguns anjos pela concupiscência e para prendê-los à terra deu-lhes um corpo. Após isto, os induziu ao pecado carnal, ligando-os à condição humana. A cada nascimento êle possui uma reserva de anjos decaídos que fornecem a alma ao novo corpo. Como na doutrina cristã o homem, desde o nascimento, está condenado, mas pelo catharismo o pecado original é determinado pelo céu.

O deus-bom, compadecido de seus anjos encadeados pelo deus-mau sobre a terra, decidiu salvá-los e recuperá-los. Enviou um emissário que se voluntariou entre os anjos, e que veio a ser o Filho de Deus. O corpo mortal de Cristo não foi senão uma aparência, já que uma emanção do deus-bom não pode ter contato com a matéria, obra impura do deus-mal. Certos catharos expressavam assim as teorias da gnose sobre a natureza de Cristo. Por uma sucessão de hipostases se havia formado entre deus e os homens uma corrente de eons, sendo cada um a emanção da divindade. A última destas emanções era Jesus, que por ser a mais afastada de Deus pôde aceitar entrar num corpo humano. Mas na sua paixão êle tirou êste envólucro carnal e assistiu, invisível, ao seu sa-

crifício. Em recompensa de sua missão êle veio a ser o filho de Deus.

Para os catharos, Jeová, o deus dos judeus, não é outro senão o deus-mal, pois êle criou o mundo. É, pois, Jeová que, por intermédio dos judeus, se propôs a supliciar e matar Cristo, enviado do deus-bom. A tentativa foi vã. Quanto aos anjos decaídos, Cristo levava a êles os meios e o conhecimento para se libertarem, graças ao Evangelho.

As consequências desta teoria saltam aos olhos. É a rejeição do Velho Testamento, obra de Jeová, deus-mal. A missão de Cristo é uma simples missão num mundo satânico, negando-se a encarnação, a paixão e a ressurreição. O homem é criado não à imagem de Deus, mas pelo demônio.

Daí o ódio dos catharos pela cruz e o sinal da cruz que se relacionam aos sofrimentos de Cristo e o ligam a matéria impura.

A mensagem levada por Cristo aos anjos decaídos onde a alma divina estava aprisionada no corpo satânico dos homens, estava contida no Evangelho de São João, que gozava de uma atenção especial por parte dos catharos. No Apocalipse, com seu Anticristo, pretendiam encontrar a confirmação de sua doutrina.

De acôrdo com a doutrina cathara o deus-bom, triunfará sobre o deus-mal, e em consequência, todos os homens serão, certamente, salvos, pois que o triunfo de Deus sobre Satan não poderá ser completo, enquanto a última criatura de Satan não abandonar o seu envólucro carnal para alcançar seu lugar no seio da milícia celeste. Não há Inferno, nem Purgatório, pois nada de impuro pode se aproximar

do deus-bom e penetrar no reino supraterestre. A purificação da alma deve-se fazer na terra. Esta teoria, que salvava, em definitivo, tôdas as almas, que abolia o Inferno e a danação eterna, era realmente consolante.

Os Perfeitos

Os catharos se dividem em Perfeitos e Crentes.

Somente os Perfeitos que receberam o consolamentum fazem parte da Igreja cathara. Os Crentes, como os catecúmenos da primitiva igreja, estão fora e não possuem existência religiosa salvo se recebem consolamentum.

Como para os Perfeitos tudo que é criado é obra do demônio, o homem não pode entrar na "Religião do Espírito", senão após haver rompido com a matéria e de uma maneira tal que viva uma limitadíssima vida material ao ponto de somente permitir-lhe a sobrevivência física.

Para os catharos, dar nascimento a uma criatura, seja ela qual fôr, é participar na luta do deus-mal contra o deus-bom.

Os Perfeitos proscrevem, entretanto, tudo que provém da procriação. Eles se abstêm de uma forma total da carne, gordura, ovos, leite e queijo. Se permite o vinho, o pão, os legumes, os frutos e peixe. Afora isto, observam os Perfeitos três quaresmas por ano, durante as quais eles passam três dias por semana a pão e água.

A castidade era uma obrigação absoluta para os Perfeitos. A mulher era um perigo permanente, e se fôsse tocada, mesmo involuntariamente, expunha o Perfeito a três dias de jejum. O casamento era considerado como um estado satânico.

co, porque regularizava o crime da carne e como consequência natural, a procriação. A mulher não casada e concubina era mais aceita do que a casada. Isto levou aos catharos serem acusados de praticarem hábitos promiscuos. Os Perfeitos que observaram a castidade entre os catharos, não podiam impor aos crentes a mesma coisa, mas reprovavam o casamento, o que levava os seus adeptos a certo embaraço.

Com isto, de um lado, se condenava o casamento e se favorecia a destruição da família e por outro, levava a aceitação da união livre e a restrição dos nascimentos. Era uma antecipação da absoluta liberdade sexual.

Tomando ao pé da letra certas palavras do Evangelho, como o "não matarás", os catharos condenavam a "morte" sob qualquer forma que fôsse, sejam em guerras ou simples condenações da justiça.

Condenavam os poderes públicos, o direito de julgar e ordenar, por que a autoridade temporal que existiu no Velho Testamento é obra do deus-mal e foi abolido por Cristo. Não prestavam juramento de forma alguma, base das relações humanas, na cristandade medieval.

Também negavam à Igreja o direito de propriedade temporal, assim como a si mesmos o direito da posse. Mas na realidade ao se organizarem em Igreja, foram obrigados a abolir esta teoria.

O Consolamentum

É pelo "consolamentum" que alguém se torna um Perfeito, um puro, e entra realmente na Igreja cathara.

Havia um período de noviciado de um a dois anos antes de alguém receber o consolamentum que estava proibido às crianças. Eram submissos a um mestre que lhes ministrava os ensinamentos religiosos. Se durante êsse tempo se mostrava o iniciante firme, então era apresentado à comunidade que deveria "elegê-lo". Por fim se marcava o dia da cerimônia. No meio de uma sala bem iluminada repousava sôbre uma mesa recoberta de uma toalha branca o "Texto", isto é, o Evangelho de São João. O Perfeito que oficia e dois auxiliares lavam as mãos e o oficiante pronuncia uma alocução onde são expostos os princípios da doutrina e as obrigações a que se deverá submeter o futuro Perfeito.

Em seguida é recitado o Pater, comentado frase por frase, que é repetido pelo iniciado. Na ocasião se dá o abrenunciatio, pelo qual o iniciado rompe com a igreja católica. Após o que, se prosterna três vêzes para entrar na fé verdadeira, sob a benção do Perfeito e, enfim, renuncia comer o que é proibido, a mentir e prestar juramento, a matar, a cometer o pecado da carne. Após uma nova alocução do oficiante, o iniciado faz públicamente uma confissão de suas faltas e pede a Deus e à assistência de o perdoar.

O oficiante coloca o "Texto" sôbre a cabeça do iniciado, enquanto que todos os Perfeitos presentes impõem as mãos pedindo a Deus para o receber e de lhe enviar o Es pírito Santo. Depois a assistência recita em alta voz a Oração dominical, o oficiante lê os dezessete primeiros versículos do Evangelho e diz novamente o Pater. O inicia do recebe a vestimenta do Perfeito. Os cabelos longos, sem

tonsura, eram inteiramente vestidos de negro, sendo reconhecidos exteriormente com facilidade. Mas com a Cruzada êles procuraram não ficar tão expostos e passaram a usar um cordão simbólico que os homens carregavam em volta do pescoço.

Quando o nôvo Perfeito já tinha recebido a vestimenta o oficiante lhe dava o beijo da paz, que era transmitido a seu vizinho próximo e assim por diante. Quando se trata de uma mulher o oficiante se contenta em tocar-lhe a espádua com o Texto. Se o iniciado é casado, antes da imposição do livro êle ou ela prometerá nunca mais ver o seu consorte e se vê livre do juramento conjugal.

Enfim, os Perfeitos o "consolaram", o confiam a um confrade veterano à título de socius ou companheiro. É proibido a um Perfeito de se isolar e o socius o acompanhará a todo lugar.

Pelo consolamentum, o Espírito Santo, o Paraclito consolador desce na alma do nôvo Perfeito. Seu desejo é o abandono do corpo satânico e sua alma poderá subir ao céu a fim de encontrar seu corpo celeste e vir a ser novamente um anjo de Deus. Certos catharos à fôrça de maceração e vontade viviam completamente à parte do mundo. Outros, devido a muitos anos de austeridade, apressavam a realização de seu ideal por meio de suicídio, ainda que não fôsse uma prática recomendada. Além do suicídio por envenenamento ou salto a um precipício, ou ainda a pneumonia voluntariamente contraída, se usava comumente da morte pela fome ou seja a endura. O candidato ao suicídio deixava de comer até se extinguir.

O consolamentum em resumo, substitui e se contrapõem aos sacramentos já que uma vez admitido na igreja cathara, de imediato se recebe o Espírito Santo, recebendo assim, o batismo, a comunhão e a confirmação. Por outro lado, como êle foi definitivamente lavado de suas faltas passadas, êle recebeu o sacramento da penitencia, e como êle pode "consolar" outros recebe também o sacramento da Ordem. Mesmo a extrema unção é substituída como sacramento, pelo fato do Perfeito se desligar do mundo satânico dos vivos. Assim, o consolamentum substitui a todos os sacramentos da igreja católica, posto o de casamento à parte. De fato a igreja cathara se compunha sômente de seus Perfeitos, pois êstes eram os beneficiários dos sacramentos. A elite que recebia o consolamentum era numêricamente pequena mas sua qualidade moral muito elevada.

Os Crentes

Os crentes não tinham as obrigatoriedades religiosas dos Perfeitos, pelo contrário, tinham uma liberdade ímpar em relação aos perfeitos.

Todo crente que se encontra em presença de um Perfeito deve "adorá-lo" ou fazer o seu melioramentum. Este rito consiste em prostrar-se diante do Perfeito e inclinar-se três vêzes e por uma fórmula tradicional solicitar a sua benção.

Por outro lado, os crentes, pelo menos os praticantes e que não ousam enfrentar as provas impostas aos "consolados", se fazem regularmente "aparelhar", em geral uma vez por mês. No curso do apparelhamentum, presidido por

um Perfeito, os crentes fazem publicamente uma confissão de suas faltas e imploram o perdão, à semelhança da confissão pública no cristianismo primitivo. Neste rito o crente lia uma fórmula na qual se enumeravam os pecados que todo o homem pode cometer. Após, o Perfeito, declarava o crente absolvido e este devia fazer uma penitência que consistia de três dias de jejum e cem genuflexões com alguns Pater como suplemento. A cerimônia terminava pelo beijo da paz transmitido de um a outro. Se o melioramentum era obrigatório, o aparelhamentum era facultativo.

O consolamentum dado "in extremis" facultava a salvação ao crente, mas o problema era se assegurar que o doente não continuasse a viver. O zelo dos Perfeitos a acorrer a um leito de morte era conhecido. E eles se atinham ao princípio de que o enfermo deveria solicitar o consolamentum, e fazê-lo de viva voz. Pelo fato de que os mudos não podiam fazê-lo ou o moribundo não conseguia articular as palavras, os Perfeitos criaram a convenientia. Era uma promessa solene que fazia o crente ainda em bom estado de saúde, comprometendo-se a receber o consolamentum no caso de vir a morrer. A convenientia correspondia a um verdadeiro ingresso na seita e era dado aos crentes nos quais podiam depositar inteira confiança. Os cavaleiros que iam à guerra tinham o direito à convenientia.

O consolamentum "in infirmitate" era administrado de forma mais simples do que o "in sanitate".

O fato dos crentes terem a possibilidade de receber o consolamentum antes de morrer tirava a força moral e espiritual da religião cathara, já que não existia a

crença no inferno e a sanção num mundo post-mortem, ao mesmo tempo sem os compromissos religiosos dos Perfeitos.

Os Perfeitos passam a ser a alma da seita cathara, consagrando seu tempo integralmente a um intenso apostolado. Eles percorrem as cidades e os campos, pregando pela palavra e pelo exemplo. A finalidade dos Perfeitos era de um lado, engrossar as fileiras de seus adeptos e, de outro, arrancar membros dos seguidores da Igreja de Satan, a Igreja católica. Daí arremeterem com violência contra os sacramentos, as igrejas, a cruz e os cemitérios, contra o culto, as relíquias e, enfim, contra o clero.

A paixão anticlerical talvez tenha levado mais gente à igreja cathara e não seu antikatolicismo, pois a vida secular do clero na época era alvo de crítica popular impiedosa, ao mesmo tempo, justa.

Organização da igreja cathara

Raynier Sacconi († 1258) distingue tais igrejas catharas no Midi: as de Albi, de Toulouse e de Carcassonne. É preciso ajuntar as de Agen e de Razés cuja existência é revelada pelos dossiers interrogatórios da coleção Doat. Cada igreja tem, em princípio, uma cabeça, um bispo assistido por dois auxiliares fiéis, que eram também considerados bispos pelos fiéis.

Em 1255 se realizou uma espécie de concílio catharo, em Pieusse, sob a presidência de Guilabert de Castres, onde foi eleito bispo de Razés, Benedito de Termes. Os bispos eram secundados por diáconos que eram itinerantes e serviam de intermediários entre os bispos e os Perfeitos, cabendo a eles a administração material das igrejas.

Possuíam casas onde os Perfeitos viviam em comunidade e recebiam os neófitos para estágio obrigatório. A nobreza herética confiava seus filhos aos Perfeitos, sobretudo as filhas, assim como os nobres católicos as faziam entrar no convento. Estas casas estavam espalhadas por todo o Languedoc ocidental e eram dirigidas por um superior ou superiora. Estas casas eram uma instituição pública até a cruzada organizada contra os heréticos.

Com o crescimento da heresia, também o voto de pobreza catharica ficou ameaçado, pois o crescimento de igrejas e bens materiais era inevitável.

A própria acusação de avareza e cupidez atribuída à igreja romana é atirada à igreja cathara. Raynier Sacconi, antigo Perfeito, os acusa de querer enriquecer àvivamente, ainda que acrescenta que tal atitude se deve às perseguições que os levam a acumular bens para os tempos mais difíceis. É significativa a acusação de Joaquim de Flora, inimigo dos catharos, e que afirma atraiem êles adeptos pelas suas riquezas terrestres.

A heresia no Midi

Podemos atribuir como causa principal para a expansão da heresia cathara a opulência da igreja romana no Midi. O clero era rico e os bispos dispunham de um poder temporal considerável. Os bispos de Béziers, de Agde, de Lodeve, de Albi, eram os senhores de uma grande parte de suas cidades. Também as abadias se foram constituindo pouco a pouco, em verdadeiros domínios.

Esta riqueza teve um efeito dissolvente sob o ponto de vista religioso, e podemos dizer que não encon-

trou nenhuma oposição. As grandes reformas monásticas não conseguiram penetrar no Midi que vivia uma vida à parte da França do norte. O episcopado meridional estava em mãos da nobreza, que fazia eleger por pressão ou simonia os seus candidatos aos cargos eclesiásticos.

Muitos prelados são acusados de indignos e tolerantes para com a heresia e mesmo os abades são recriminados pelo seu estilo de vida laico e secular. Inocência III açoitará, violentamente, em termos, tanto a uns quanto a outros.

Por outro lado, convém lembrar que a avidez da aristocracia meridional em espoliar uma igreja opulenta leva-a a apoiar os heréticos. As terras eclesiásticas sempre atraíram os senhores laicos e de todo modo, quando não podiam apossar-se das terras, apossavam-se dos dízimos.

A cristandade frente a heresia

Sem dúvida a própria existência da heresia é sinal demonstrativo da vida religiosa dos tempos medievais. Por isto não é de estranhar a violência que se gera no combate à heresia, violência essa com profunda base popular. Nem sempre o extermínio dos heréticos catharos vem de parte dos funcionários que devem justiça-los, mas da iniciativa do populacho fanatizado que não tolera a heresia "filha de Satan". E temos exemplos em que, por descuido ou não, da justiça, os heréticos são arrancados das prisões e queimados sem piedade. É o que ocorreu em 1120, em Soissons, quando o bispo Lisiard, prendeu suspeitos de heresia e, quando na sua ausência, os burgueses desta cidade os queimaram.

A fogueira não era, nesta época, apenas aplicada aos heréticos. Era a pena aplicada aos envenenadores, aos feiticeiros e aos heréticos.

A atitude da igreja perante a heresia é, primàriamente, converter os heréticos à fé católica e passando a uma atitude agressiva e ao uso da violência sòmente quando nada se consegue no primeiro caso. A violência popular também é condenada pela igreja. Vemos estas atitudes nas palavras de S. Bernardo após o massacre de Colônia (1145), escritas ao papa: " O povo de Colônia passou da medida. Se aprovamos seu zêlo, não aprovamos, de modo algum, o que fêz, pois a fé é obra da persuasão e não podemos impô-la!"

De todo modo o herético é considerado mais perigoso que o infiel, pois o herético em sua ação proselista desvia o fiel da verdadeira religião para lançá-lo nos braços do demônio.

O uso do poder temporal para perseguir, justificar e exterminar a heresia se apoia na teoria das "duas es padas" do papa Gelasius, que afirma Deus ter criado ou dado o poder temporal e espiritual ao papa que por sua vez entregou o poder temporal aos reis, monarcas e príncipes para proteger a fé, como bons súditos que devem obediência. Em última instância a heresia que visa atacar a cátedra de S. Pedro, o Papa, é perigosa, não sòmente do ponto de vista religioso dogmático, mas também sob o aspecto da unidade política do mundo cristão. Inocêncio III que considera o papa acima dos reis e do poder temporal, com o direito de julgá-los, tentará estabelecer o imperium mundi sob a hegemonia da Santa Sé. Portanto a heresia tende a criar comunidades separadas sem

contacto com o resto da cristandade, provocando conflitos.

A Cruzada Espiritual (1147-1209)

Antecedeu a cruzada contra os albigenses um período de cêrca de cinqüenta anos, onde se usaram meios pacíficos para impedir a expansão da heresia. O historiador da Cruzada contra os albigenses, Belperron, denomina êste período, o da "Cruzada Espiritual".

Destacam-se, nesta fase, as grandes personalidades da igreja medieval como pregadores contra a heresia, S. Bernardo e S. Domingos.

A ameaça que representa a heresia cathara é assinalada, oficialmente, pela primeira vez, em 1119, no concílio de Toulouse, sendo oficialmente excomungada por Calixto II ⁽¹⁾. Inocêncio II renova o anátema:

Inocêncio II designou seu legado no Midi, Alberico, monge de Cluny para combater a mesma. Alberico pediu ajuda de Geoffroy, bispo de Chartres e de S. Bernardo. Chegando a Toulouse, onde se encontrava Henrique de Lausanne que converteu à heresia nobres e burgueses, em particular, tecelões, S. Bernardo conseguiu reavivar com sua pregação a fé católica. Mas a heresia não foi exterminada.

Em 1163 o concílio de Tours, presidido pelo papa Alexandre III, constata que "uma danosa heresia se espalhou na região de Toulouse, onde ganhou, pouco a pouco, a Gascogna e outras províncias..."

(1) Mansi, Concília, vol. XXI, p. 226.

No concílio de Lombers, c. 1178, novamente a heresia foi condenada. Nesta época, é que se realizou o concílio catharo de Saint-Felix de Caraman, c. 1167, presidido pelo patriarca catharo de Constantinopla, Nicetas. Mes com o insucesso da pregação e as condenações esporádicas, o tom de combate à heresia se fêz cada vez mais forte.

Assim, no terceiro concílio Laterano, em 1179, se pronuncia pela primeira vez um apêlo ao braço secular. O cânone 27 trata dos heréticos e em particular dos catharos de Languedoc. "Se bem que a igreja", como diz S. Leão, "se contenta de um julgamento sacerdotal e não emprega execuções sangrentas, ela deve recorrer às leis seculares e pedir ajuda dos príncipes a fim de que o temor de um suplício temporal obrigue os homens a empregar o remédio espiritual. Assim, como os heréticos, que alguns denominam catharos, outros patarinos e outros publicanos, fizeram grandes progressos na Gascogna, em Albi, na região de Toulouse e outras, onde ensinam os seus erros e se esforçam em perverter os simples, nós o declaramos anátemas com seus protetores. Nós proibimos a todos de ter qualquer relação com êles. Se êles persistem em seu pecado, não se fará nenhuma ação em seu favor e não se lhes dará sepultura entre os cristãos".

Para executar esta sentença Alexandre III de signou como legado o abade de Clarivaux, Henrique, mais tarde cardeal de Albano. Êste além de enviar pregadores, organiza uma cruzada, a primeira contra os heréticos. Reune um contingente de cavaleiros católicos da Provença e do baixo Languedoc e põe a sítio Lavaur reduto dos heréticos, protegidos por Roger II Trencavel, isto em 1181.

Apesar de tudo a heresia foi triunfante no Languedoc até a subida do trono papal, em 1198, de Inocênio III.

Já em 1204 e 1205, Inocênio III havia se dirigido ao rei Felipe Augusto, apontando que pelo decreto "Ad abolendam" êle tinha direito de privar os feudos de vassallos que protegem os heréticos. Felipe Augusto ocupado com a guerra contra os Plantagenetas não deu muita atenção ao pedido papal. Em 1207, Inocênio III novamente escreve a Felipe Augusto: " É preciso que os sectários sejam esmagados pelo vosso poder e que as misérias da guerra os aproximem da verdade". Ao mesmo tempo êle envia uma carta circular nos mesmos termos aos grandes feudatários do reino, ao duque de Borgonha, aos condes de Bar, de Nevers, de Dreux e, em geral, a todos os fiéis do reino da França, aos quais promete indulgências iguais às da cruza da à Terra Santa.

Na verdade isto já representa um apêlo direto à cruzada contra a heresia.

A resposta de Felipe Augusto ao papa mostra uma tentativa de evasão em participar em tal empreendimento. O que vai mudar a atitude do monarca e seus vassallos é um acontecimento inesperado: o assassinato do legado papal Pedro de Castelnau, por Raimundo VI, em 14 de janeiro de 1208.

A Cruzada Albigenses

No mês de junho de 1209, o exército cruzado se concentrou em Lyon. Êste exército era composto no mo-

dêlo de todos os exércitos feudais.

A sua testa marchavam os grandes senhores eclesiásticos e laicos, seguidos de um número variável de vassallos e cavaleiros assalariados ou voluntários. Entre a elite feudal se encontrava o arcebispo de Sens, os bispos de Autun, de Clermont, de Nevers, bem como três grandes feudatários da coroa: Euçes III, conde de Borgonha, Hervé IV, conde de Nevers e Gaucher de Châtillon, conde de Saint-Pol. Após, vinham os grandes barões e os cavaleiros mais importantes, que agrupavam, em redor de si, número reduzido de cavaleiros. Guilherme de Roches, o célebre senescal de Anjou, o conde de Bar-sur-Seine, Gaucher de Joigny, Guichard de Beaujeu e muitos outros nobres. Também se ajuntaram à cruzada senhores da Provença, vassallos de Raimundo VI que a êles se ajuntaram na sua passagem pela região, entre êles Adhemar de Poitiers, Pierre Bermond, genro de Raimundo VI.

Além dos simples cavaleiros se ajuntaram à cruzada muitos aventureiros que desejavam ganhar as indulgências prometidas por Inocência III. A pregação popular arrastou consigo massas populares de tôdas as classes da população, "universis populis".

O cálculo estimativo do número de participantes da cruzada, segundo o autor da Chanson, Guilherme de Tudela, é de 20.000 cavaleiros armados e de mais de 200 mil vilões e camponeses, isto sem contar com o clero e os burgueses (1). Ora, como o cavaleiro normalmente era se-

(1) La chanson de la croisade Albigeoise. Les classiques de l'histoire de France au Moyen Age. Paris, 1931, p. 37.

guido de acôrdo com suas posses de um ou mais escudeiros, de sargentos de armas montados ou a pé, e de valetes, um cavaleiro constituia uma célula de mais ou menos cinco combatentes, em média. Portanto a cifra de Guilherme de Tudela é astronômica e fantasiosa.

Nesta primeira fase da cruzada se destaca a crueldade na destruição de Bèziers (julho de 1209) e de Careassone (agosto de 1209). Em Bèziers o massacre foi terrível conforme o testemunho da Chanson (1).

A cruzada albigense continuou no seu afã de extermínio da heresia. Com Simon Montfort se faz a guerra contra o vice-condado de Trencavel (setembro de 1209 - maio de 1211), reduto de heréticos sob a proteção da Raimundo - Roger de Trencavel. A campanha militar se estendeu, em seguida, ao condado de Toulouse (junho de 1211 - dezembro de 1212). Destacam-se, nesta fase da campanha, a rendição de Cabaret e tomada de Lavaur.

Em junho de 1211 se fêz o cêrco de Toulouse e em setembro de 1211 o de Castelnaudary. De outubro de 1211 a novembro de 1212 se conquista o Agenais e o Comminges.

Em dezembro de 1212, Simon de Montfort promulgará os estatutos de Pamiers codificando as conquistas dos novos senhores feudais e regularizando-as com um novo direito.

(1) Op. cit. p. 59.

Mas, em 1212, Raimundo VI, despojado de seu condado passará os Pirineus a fim de solicitar a ajuda de Pedro II de Aragão. Apesar da coligação estabelecida entre Pedro de Aragão e Raimundo VI, Simon de Montfort os derrotará de forma espetacular na batalha de Muret (12 de setembro de 1213) onde o rei de Aragão encontrará a morte. Com o triunfo militar, Simon de Montfort se afirmará mais e mais como senhor de Toulouse. O concílio de Latrão em 1215, organizado por Inocêncio III e que tratou das heresias da época, confirmou as novas possessões de Simon de Montfort. Ao mesmo tempo, o concílio permitiu a conciliação dos senhores do sul com a igreja, com o compromisso de perseguirem a heresia. Com isto as terras dos senhores do Midi foram, em parte, asseguradas.

Em 1216 a Provença se subleva e Simon de Montfort novamente é obrigado a pegar em armas, desta vez já cansado de tantas lutas. Raimundo VII, consegue cercar Baucaire (em maio-agosto de 1216) e vencê-la, em total desobediência ao compromisso firmado no concílio de 1215; mas Inocêncio III já era morto nesse ínterim. Simon de Montfort nessa batalha foi obrigado a negociar com seus inimigos. O estímulo dado aos senhores do Midi por esta derrota de Simon de Montfort faz com que se estenda a sublevação, arrastando as novas batalhas, mas já não contando com o apoio e o prestígio anterior.

Após algumas tentativas de enfrentar a nova situação, Simon de Montfort, encontrará a morte no segundo cerco de Toulouse (outubro 1217-julho de 1218). A cruzada também morre com Simon de Montfort, após ter semeado a des

truição por todo o sul, mas sem ter terminado com a heresia.

Com a morte de Simon de Montfort, Honório III, que sucedeu a Inocêncio III, foi obrigado a transferir a causa da luta contra a heresia ao rei da França, Luís VIII,

Raimundo VI havia morrido em 1222, e seu filho, Raimundo VII, o substituiu no amparo à heresia, que a partir de 1220 até 1226, teve um intervalo pacífico para exercer a sua doutrina.

Durante a cruzada e a ocupação francesa os Perfeitos passaram de Carcassone à Toulouse, de Toulouse à Foix, de Foix à Provença e, por último, às montanhas. Montsegur, por ser uma fortaleza inacessível, serviu de refúgio a eles, com a pausa havida entre 1220 a 1226, após o que começaram os Perfeitos a sair de seu refúgio reabrindo os antigos conventos.

Em 1224, Luís VIII empreende uma nova cruzada, liderando os barões do Norte, que durante três anos vão de conquista em conquista, até que, em Avignon, após um cerco prolongado (junho-novembro de 1226), terminará esta fase de luta contra a heresia.

Na conferência de Maux, de dezembro de 1228 a janeiro de 1229, se estabeleceu um projeto de paz assinado em Paris, em abril de 1229, onde ficou determinado que o Languedoc fôsse parte integrante do reino e onde Raimundo VII se submete a tôdas as condições que lhe foram impostas pelo tratado.

A partir de 1230 vai cessando a oposição ao tratado que tinha despojado Raimundo VII e seus barões de suas possessões e de seus bens. A política dúbia do nôvo papa Gregório IX em relação a Raimundo VII, também incentiva uma reação do Midi, considerando que esta nobreza se encontra em situação difícil e privada de todo o poder e incapaz de dar aos seus súditos uma proteção real. Assim, em 1240 e 1242 assistimos a novas revoltas do Midi. Em uma destas, inquisidores foram assassinados, provocando a ira da opinião pública (o fato ocorreu em Avignoret em 1242). Como rea—ção ao assassinato, Avignoret foi tomada sendo que em 1244, o grande reduto dos catharos em Montségur foi tomado de as—salto dando um golpe duro nos heréticos.

Porém, a heresia não havia terminado com Montségur. Na última metade do século XIII, após a morte de Raimundo VII em 1249, nós assistimos uma intensa atividade por parte da inquisição na perseguição aos heréticos, demons—trando que a heresia continuava viva mesmo que Afonso da França, sucessor de Raimundo VII promettesse clemência para com os descendentes dos heréticos. Os que restaram da perseguição fugiram para a Lombardia e outros lugares da Itá—lia, que servia de refugio à heresia. Em 1274 se estima, de acôrdo com Runciman ⁽¹⁾, que não restou mais nenhum bispo catharo na França e que para ser ordenado Perfeito o herético deveria viajar para a Itália para receber o rito dos bispos que se encontravam ali.

As violências e perseguições da inquisição são

(1) RUNCIMAN, Steven - Le manichéisme médiéval. Paris, Payot, 1949, p. 133.

assinaladas em 1277 e 1278. Em 1296, em Béziers e Carcassone, os inquisidores são repelidos pelo povo e pelas autoridades municipais, e sentimos a queda da simpatia popular pela instituição.

Nos **inícios** do século XIV houve uma renovação das perseguições sob o reinado de Felipe IV, o Belo (entre 1304 e 1312), terminando com t^ôda a esperança da heresia se renovar. Nas **décadas** que se seguem a constante pressão **sô**bre os heréticos levou a seu quase total desaparecimento do cenário da França.

Apêndice 1

De acôrdo com RUNCIMAN, são diversos os nomes dados aos heréticos dualistas na Europa (p. 168-170).

- 1 - Bogomils, *Βογομίλητοι, Βογομυρκοί*. Este nome deriva do heresiarca búlgaro, e era empregado pelos escritores de seu país, e comumente pelos autores bizantinos. Fora da Bulgária e Bizâncio parece ser desconhecido.
- 2 - Phoundaites, *Φουνδαίται, Φουνδαίτες*. Deriva de *Φούρσα*, sacola, que os heréticos levavam. Não se encontra senão entre os autores bizantinos do século XII.
- 3 - Koudougères. No século XV mencionado por SYMEON, metropolitano bizantino de Tessalônica. O nome vem, provavelmente, da cidade de Koutogertsi, perto de Kioustendil, ou de Kotougeri, perto de Vodena, na Macedônia.
- 4 - Babouni - Dados, assim parece, aos heréticos no século XIV, na Servia e Bósnia.
- 5 - Cathares, cathari, kathari, catari, em alemão: Ketzler (herético). Também Cazari ou Gazari (Etienne de Bellavilla, p. 90 diz: "Dicuntur a Lombardis Gazari". *Καθαροί*. provavelmente originário do nome que os heréticos davam a seus "eleitos", a classe dos purificados, empregado pela primeira vez por ECKBERT, na Alemanha, nos meados do século XII. Na Itália, MONETA e SACCONI o empregavam.
- 6 - Patarinis, Patareni, Paterini, Patrini, Paterelli, Patalini. Este nome foi dado na primeira parte do século XI ao partido das reformas radicais na Igreja de Milão. Muito empregado na Itália e Dalmácia após o século XIII.
- 7 - Poplicains, Publicani, Populicani - Este nome latinisa "pauliciano". Espalhado, sobretudo, no norte da França no fim dos séculos XI e XII.
- 8 - Deonarii, aparece uma vez na Chronica de Vézelay. É, talvez, um erro, por Telonarii, variante natural de Publicani.
- 9 - Piphles, Piphiles, Pifli, nome dos heréticos em Flandres, corrupção provável de Poplicani.

10 - Bougres, Bulgari, Bulgaros.

11 - Albigenses. Etienne de Bellavilla diz assim: "Dicti sunt Albigenses, propter hoc, quia illam parem primo in Provinciae quae est versus Tolosam et Agennensem urbem, circa fluviam Albam infecerunt". Se empregava na segunda metade do século XII ao se falar dos Catharos de Albi. Com a cruzada contra os heréticos se applicava a todos êles e mesmo aos que na igreja católica faziam opposição aos cruzados. Por outro lado "Toulousam" ou "Provençal" visa, em geral, um catharo.

12 - Textores, ECKBERT "hos... Gallia Texerant, ab usu texendi, apellat".

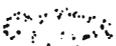
13 - Runcarii, Rungarii, em alemão: Runkeler. Foi applicado êste nome a uma seita catharica do século XIII. Na sua lei contra os heréticos, Frederico II, os chama Roncaroli. Provavelmente um nome geográfico.

14 - Bonshommes, é o nome que os heréticos franceses davam aos seus Perfeitos, na conversação. Os católicos generalizavam.

15 - Garatenses - Supõe-se que designa a igreja fundada pelo bispo Garatus de Concorezzo.

Apêndice 2

Sobre os catharos no "Manual do Inquisidor" de Bernard Gui



A intenção de imitar a vida da igreja em seus primórdios se revela nos ritos catharicos descritos por Bernardus Guidonis em seu Manual.

" Item, omnia sacramenta Romana ecclesie domini Jhesus Christi, videlicet eucharistie seu altaris ac baptismi qui fit aqua materiali necnon confirmationis et ordinis et extreme unctionis et penitentie ac matrimonii inter virum et mulierem, suigillatim et singula asserunt esse inania atque vana. Et confingunt, tanquam simie, quedam alia loco ipsorum, que quasi similia videantur, confingentes loco baptismi facti in aqua baptismum alium spiritualem, quem vocant consolamentum Spiritus Sancti, quando videlicet recipiunt aliquam personam in sanitate vel in infirmitate ad sectam et ordinem suum per impositionem manuum secundum ritum suum execrabilem".

" Loco vero consecrati panis eucharistie corporis Christi, confringunt quemdam panem quem apellant panem benedictum seu panem sancte orationis, quem in principio mense sue, tenendo in manibus secundum ritum suum, benedicunt et frangunt et distribunt assistentibus et credentibus suis".

V A L D E N S E S

1. Origem e caráter da heresia

2. A doutrina valdense

Apêndice

OS VALDENSES

Origem e caráter da heresia

Como a riqueza e o poder da igreja eram frequentemente uma fonte de graves males e os hereges do tempo tiravam disso argumento para as principais acusações contra ela, despertou em algumas almas pias, o nobre desejo de restabelecer a vida pobre de Jesus e da igreja primitiva, para poder influir mais eficazmente sobre o povo com a palavra e com o exemplo.

Homens como Roberto de Arbrissel († 1117) fundador da Ordem de Fontevrault (Fons Ebraaldi), próximo de Angers, em 1100-1101, Norberto de Xanten († 1134), fundador da Ordem Premonstratense, no vale Prémontré (praemonttratum) perto de Laon; Francisco de Assis e seus companheiros cultivaram todos o ideal da pobreza apostólica, e da pregação ambulante. Semelhante a estes é, nos seus princípios, o grupo dos pregadores leigos chamados valdenses, que acabaram se encontrando em oposição à igreja e se transformaram numa seita.

Foi fundada pelo rico comerciante Pedro Valdo ou Valdes de Lyon, que ficou profundamente abalado pela leitura das Escrituras que êle fez. De acôrdo com o Anônimo de Laon, cêrca de 1173 (" corrente adhuc eodem anno", MCLXXIII", na Chronicon universale anonymi Landunensis, ed. A. Cartellieri, Leipzig et Paris, 1909, p. 20).

Traduziu o Evangelho ao Provençal e rompeu todo vínculo com o mundo, confiou seus bens à esposa, na carec-

tia de 1176 doou o restante de seu patrimônio aos pobres. Homens e mulheres se puseram a segui-lo. Levando a prática e a instrução do Evangelho (Mt 10, 5 ss; Lc 10, 1 ss) e a eles em viagem, dois a dois, em apostólica pobreza, vestidos com um simples burel, a exercer, de forma ambulante, a pregação da penitência. Brevemente o movimento se difundiu para muito longe, abrangendo também os Humilhados de Lombardia (Milão), uma confraria de tecelões laicos, dos quais, mais tarde, nasceu uma ordem propriamente dita.

Os Humilhados na Lombardia, especialmente em Milão, foram originariamente uma confraria de artesãos (tecelões) que se haviam associado por objetivos econômicos e religiosos, no tempo das lutas sociais da primeira metade do século XII. Mas grande parte deles passou aos valdenses, juntamente com os quais foram excomungados pelo papa Lúcio III. Os que permaneceram fiéis foram confirmados, em 1201, por Inocência III, como ordem religiosa dividida em três classes ou graus:

- 1) cônegos e cônegos regulares
- 2) irmãos e irmãs em associação monástica
- 3) homens e mulheres que vivem no mundo seguindo uma regra (terciários), como continuadores da antiga confraria.

Um geral da ordem aparece somente de 1246 em diante.

Como porém, os valdenses, chamados também "pobres de Lion" ou lionenses por causa de sua origem, ou saibatate ou insaibatate, pelo uso que faziam de tamancos

de madeira (sabots); dedicaram-se à pregação da palavra de Deus, sem a autorização eclesiástica e se erigiam em juizes dos costumes do clero. O arcebispo de Lion lhes interdissse a pregação e os banuiu.

Valdo se voltou, então, para o papa Alexandre III (1159-1181) e compareceu pessoalmente ao terceiro concílio de Latrão (1179). O papa decidiu que eles podiam pregar somente com autorização eclesiástica prévia. O arcebispo Guichard (1165-1180) interditou a sua pregação e os excomungou. Mas a autorização eclesiástica permitiu que continuassem a pregar (1). Porém a esta prescrição se submeteram por pouco tempo. A oposição contra a autoridade eclesiástica, por eles motivada com apêlo ao texto dos Atos dos Apóstolos, 5, 29, teve como consequência a sua excomunhão pelo papa Lúcio III, no sínodo de Verona de 1184, com os catharos, os passagios e os arnaldistas, também os "humilhados ou pobres de Lion".

Os "irmãos" e "irmãs" valdenses se viram, então, obrigados a se retirarem para a vida clandestina, recolhendo secretamente sequazes e simpatizantes (amici, credentes), entre os seculares que lhes ofereciam acolhida e hospitalidade, pois eles mesmos, como os "perfeitos", haviam renunciado ao trabalho manual e se dedicavam, exclusivamente, à pregação ambulante e à assistência pastoral dos seus adeptos. Emitiam o Tríplice

(1) Gautier, Map "De Nugis curialium", Ed. Wright, Londres, 1850, p. 64-66.

voto da pobreza, da castidade e da obediência aos superiores, isto é, a Valdo mesmo, qual encarregado de Deus, "praepositus et pontifex omnium", e aos bispos, presbíteros e diáconos por êle ordenados.

A Sagrada Escritura, que traduziam para as línguas vulgares, e era, por êle, calorosamente recomendada para a leitura, tinha valor de norma doutrinal absoluta e de código jurídico. Com o correr do tempo, os valdenses italianos se afastaram ainda mais da igreja, negando provavelmente sob influxo dos catharos, o purgatório, o valor da oração pelos defuntos e as missas de sufrágio, o culto dos santos, as indulgências, o juramento, o serviço militar e a pena de morte, e admitindo, como sacramento, somente o batismo, a eucaristia e a penitência.

A seita valdense não conseguiu se manter unida por muito tempo.

Os lombardos queriam ter, malgrado a oposição de Valdo, a eleição e a ordenação dos próprios pastores e conservar as suas próprias associações de trabalhadores, isto é, a prática do trabalho manual remunerado. Assim, em 1210, chegou-se à ruptura que permaneceu ainda depois da morte do fundador (1217).

Enquanto os valdenses da França, confinados substancialmente no Languedoc, na Provença e no Delfinado, não obstante, suas doutrinas heréticas, mantinham, contudo, certo liame com a igreja católica e participavam de sua liturgia; os valdenses italianos passaram à mais agressiva oposição, negando a validade dos sacramentos administrados

por sacerdotes católicos e instituindo um serviço litúrgico próprio. Êste ramo lombardo se desdobrou numa grande atividade, valendo-se de uma propaganda clandestina ativa, conseguiu se difundir não só no Piemont e na Sabóia, mas também na Alemanha meridional e oriental, na Boêmia, na Moravia, na Polónia, na Hungria, na Itália meridional, conquistando muitos adeptos.

A Inquisição teve muito que fazer com êles até a época do Renascimento. Muitos valdenses foram levados à fogueira, outros, porém, reconquistados com a persuasão pacífica.

As heresias dêste período, especialmente a dos catharos, foram combatidas desde os seus inícios, pela igreja, que empregou, para êsse fim, não só as armas pacíficas da admoestação e da persuasão, mas, não bastando essas, applicou também graves males e gravíssimas punições, com o auxílio do braço secular. A repressão se apresentava com um direito e um dever de legítima defesa, para proteger o Tesouro da unidade da fé e da ordem cristã.

Já os imperadores cristãos da antiguidade, de modo especial Teodoro, o Grande, e Justiniano, haviam castigado os hereges e os cismáticos, com a confiscação dos bens, e com o exílio, e mesmo com a pena de morte, considerando-os réus de traição. Na alta Idade Média, o juízo sinodal dos bispos punia também delitos contra a religião, contudo a punição dos hereges tinha limitado, geralmente, a pena espiritual, como a excomunhão, a penitência da flagelação e a reclusão claustral. Mas, quando nos séculos XI e XII, o movimento sectário aumentou rapidamente na Itália e no

sul da França, foram aplicados também a confiscação dos bens e o encarceramento (*immuratio*), a incisão com o ferrete da infâmia e o exílio, na França setentrional e na Alemanha e, justamente por insistência de laicos, a pena de morte (enforcamento e fogueira), inutilmente alguns homens eminentes como S. Bernardo e Gerhoh de Reichersberg (1) condenaram o uso da violência (*fides suadenda est, non imponenda*).

Diante da maré montante dos catharos e o ímpeto dos valdenses, vários sínodos do século XII inculcaram, expressamente aos príncipes, o dever de punir os hereges. O passo decisivo para a organização da luta contra a heresia foi alcançado num acôrdo comum da igreja e o Estado no sínodo de Verona, 1184. O papa Lúcio III e o imperador Frederico Barbaroxa, decretaram contra os hereges, seus protetores e defensores, a excomunhão, e para todos êles o banimento do império, e ordenaram que os bispos dos lugares suspeitos buscassem os hereges uma ou duas vêzes por ano pessoalmente ou por meio de comissários competentes. As autoridades civis deviam também proceder segundo as instituições dos bispos para a punição dos culpados. O rei Pedro II, de Aragão, em 1197, promulgou para o seu reino, severos éditos contra os hereges, cominando a pena da fogueira. Uma ulterior evolução até a completa organização da Inquisição, como foi chamado o competente tribunal instituído para os assuntos da fé, se verificou no século XIII.

(1) S. Bernardo, Sermo in Cant. 66, nº 12.

Para a recuperação dos valdenses, Inocência III reuniu em Milão, os Humiliati numa ordem religiosa e fundou as companhias dos "Católicos pobres" (1208) e dos "Lombardos reconciliados" (1210).

Mas estas últimas se dissolveram muito cedo, assumiram-lhes as atribuições, não muito tempo depois, e em medida mais ampla, as ordens Dominicana e Franciscana.

A doutrina valdense

A crença herética formulava a concepção de que a igreja era pura e incorrupta até o tempo de Constantino, quando o papa Silvestre ganha a primeira possessão temporal para o Papado e assim começa o sistema de uma rica, poderosa e temporal igreja, tendo Roma como sua capital.

Na verdade, as doutrinas heréticas medievais se apoiam no maniqueísmo, que foi importado à Europa do Leste. O sistema maniqueu era dualista, com severo ascetismo, e podemos encontrar estes traços nos diversos heréticos ou heresias dos séculos XII e XIII.

O inquisidor Sacconi dá uma idéia da crença dos valdenses, êle os divide em duas classes, uma, os do norte dos Alpes e outra, da Lombardia.

A primeira classe assegura que:

- 1) juramentos são proibidos pelo Evangelho;
- 2) a pena capital não é permitida ao poder civil;
- 3) todo laico não pode consagrar o sacramento do altar;

4) a igreja romana não é a igreja de Cristo.

A seita Lombarda assegurava que nenhum pecado mortal podia consagrar o sacramento, e que a igreja de Roma era a mulher marcada do Apocalipse, cujos preceitos não deveriam ser obedecidos, especialmente aquêles apontados como dias de jejum.

À diferença dos catharos, eram opostos ao ascetismo e não tinham um sacerdócio oficial; ao mesmo tempo que a oposição a juramentos e à pena capital, os aproximam dos catharos.

O mais antigo documento valdense é uma narração de uma conferência tida em Bérghamo, em 1218, entre os transalpinos e os lombardos em que êstes últimos mostram uma grande oposição ao sacerdócio dos seus irmãos do norte.

A seita e a heresia dos valdenses reconhece em sua própria igreja, uma tripla hierarquia de diácono, presbítero e bispo.

A ordem do bispado, entre êles é chamado o maioral, é eleito o maiorato pelos presbíteros e diáconos. A cerimônia da eleição do bispo se faz com uma prece comum, com uma confissão privada, e depois pública, dos seus peccados. Depois um maioral, ou na falta d'êste, um dos presbíteros presentes, recita o Pater Noster, impondo as mãos sôbre o eleito, a fim de que receba o Espírito Santo. Após, todos os presentes, segundo sua hierarquia, impõem as mãos sôbre o eleito. Com isso está feita a eleição.

Ao bispo compete administrar os sacramentos da

penitência, da ordem e da eucaristia e de conferir aos presbíteros o poder de pregar o Evangelho e de ouvir as confissões. O maioral pode absolver a quem fôr que confesse seus pecados. Pode absolver alguém de seus pecados.

Ordem do presbiterato - Se faz a ordenação do presbítero da seguinte forma: após a oração e a confissão dos pecados, o maioral impõe suas mãos e os outros presbíteros presentes também o fazem. É, portanto, o maioral, que confere a ordem por imposição de mãos.

Êstes presbíteros devem ouvir as confissões dos pecadores, mas não podem absolver os pecados e nem celebrar. Podem, porém, ordenar um maioral, caso todos os outros estejam mortos.

Ordem do diaconato - Assim é ordenado o diácono: após a prece e a confissão dos pecados, o maioral recita o Pater Noster e somente êle impõe as mãos ao ordenado, a fim de que êste receba o Espírito Santo. Com isto termina tôda a cerimônia. Assim, ordenado o diácono passa a pertencer ao estado e à condição dos valdenses, pelos votos de pobreza, castidade e obediência. Somente após a ordenação é que êles são considerados "perfeitos", os demais são os "crentes" e dêstes últimos é que recebem os meios de subsistência.

Ao diácono compete ajudar o maioral e os presbíteros no que concerne às necessidades materiais.

O diácono não tem poder de ouvir as confissões.

Bispos, presbíteros e diáconos são ordenados pela oração e pela imposição das mãos sem nenhuma cerimônia complementar. São escolhidos indistintamente entre os laicos e ignorantes, bem como entre os letrados, com a condição de que sejam provados anteriormente na seita.

Apêndice

Sôbre os Valdenses no "Manual do Inquisitor" de Bernard Gui:

... quorum apostolorum imitatores et successores falsa pauperatis professione et ficta sanctitatis ymagine se esse temerosie asserebant, aspernantes prelates et clericos, quia divitiis habundabant et in deliciis vivebant".

"Item, prelati et clericis ac religiosis, Romane ecclesie, detraheentes statum eorum, reprobant et condemnant et dicunt eos esse cecos et duces cecorum et non servare evangelii veritatum nec sequi apostolicum paupertatem. Item, ipsam Romanam ecclesiam domum esse mendacii mordacitur mentiumtur. Item, se ipsos vite et perfectioni apostolice comparantes et meritis coequantes, in se ipsis inanimar gloriantur, dicentes se esse successores apostolorum et jactantes se tenere et se servare evangelicam et apostolicam paupertatem".
pg. 48.

As citações de Guidonis se baseiam na "De Inquisitione hereticorum" de David d'Augsbourg.

Página 52.

Item, communiter vocant se fratres et dicunt se esse pauperes Christi seu Paperes de Lugduno.

Página 58.

"Duo siquidem sunt genera secte ipsorum: quidam enim eorum sunt perfecti, et isti vocantur proprie Valdenses". "Isti nichil proprium dicunt se habere nec domus ned possessiones nec certas mansiones".

Página 50

"Non autam statim in principio aperiunt secreta erroris sui, set prius dicunt quales debent esse Christi discipuli ex verbis evangelii et apostolarum, dicentes illos tantum esse apostolorum successores qui vitam eorum imitantur et tenent; et ex hoc arguunt et concludunt quod papa, et episcopi et prelati et clerici, qui habent divi-

tias hujus mundi et sanctitatem apostolorum non imitantur non sunt ecclesie Dei veri pastores et gubernatores, sed lupi rapaces et devoratores nec talibus Christus dignatur committere Ecclesiam sponsam suam et ideo eis non est obediendum".

Outra fonte para Guidones é o " De septem donis Spiritus Sancti", de Etienne de Bourbon.

OS PSEUDO-APÓSTOLOS

OU

APÓSTOLOS DE CRISTO

A seita dos Pseudo- Apóstolos ou Apóstolos de Cristo.

O início da seita foi em 1260. Foi fundada por Gérard Segarelli, de Parma, que foi queimado em 18 de Junho de 1300. Teve como sucessor a um certo Dolcino de Novara, filho ilegítimo de um padre. Este conseguiu muitos adeptos e foi preso juntamente com sua companheira Margarida. Ambos foram condenados como héréticos pela igreja e queimados. Bernard Gui, assim observa:

"Modus autem receptionis quo hujusmodi Pseudo-apostoli recipiuntur ad sectam et ordinem illum talis esse dicitur, sicut habitum est ab aliquibus eorundem in iudicio deprehensis, videlicet quod ille qui debet recipi aut profiteri illum ordinem, prius informatur per aliquem vel aliquos alios ejusdem secte vel ordinis de modo et ritu vivendi ipsorum, et de perfectione illius vite quam dicunt esse apostolicam. Et postmodum in aliqua ecclesia coram aliquo altari vel etiam in aliqua communi, presentibus aliquibus ejusdem secte vel ordinis vel etiam aliquibus aliis, ille exuit se omnibus vestimentis suis in signum expoliationis et renuntiat omnibus que possidet in signum perfectionis evangelice paupertatis et in corde suo facit votum. Deo quod deniceps vivet in paupertate evangelica. Et ex tunc non debet recipere pecuniam nec habere nec portare, set debet vivere de elemosinis que sibi gratis et sponte ab aliis offerentur, nichil in crastinum reservando. Item, non promittit obedientiam alicui homini mortali set soli Deo, et ex tunc reputat se esse in statu apostolice et evangelice paupertatis et perfectionis et soli Deo et nulli homini esse subjectum, sicut fuerunt apostoli subjeti

Christo et nulli alii".

Segarelli, como fundador não deu nenhum ensinamento doutrinal à seita, iletrado e místico, se contentou em repetir algumas regras de conduta moral caras a certos meios franciscanizantes e de se inspirar na linguagem profética de Joaquim Flora.

Dolcino de Novara diz, em suas cartas que Segarelli foi uma planta divina, um ramo da árvore da fé. E quando Deus começou a levar sua igreja à perfeição, vida, condição e pobreza da igreja primitiva, àquê estado em que o Cristo tinha confiado a igreja ao santo apóstolo Pedro.

De acôrdo com o testemunho de Guidonis, muitos dos apóstolos de Cristo perseguidos, após o ano de 1300 e já um pouco antes fugiram de seu país e passaram a Espanha. O próprio Guidonis, inquisidor, escreveu uma carta a Espanha, em Maio de 1316, alertando contra a heresia. Rodriguez, arcebispo de Compostela respondeu a Guidonis, confirmando a penetração da heresia em certas regiões da Espanha, e pedindo instruções inquisitoriais ao inquisidor experiente. Um dos traços de sua doutrina se manifesta no ataque aberto e direito ao papado e à limitação de seu poder, como vemos em Guidonis.

"Item, quod nullus papa Romane ecclesie potest aliquem absolvere nisi esset ita sanctus sicut fuit beatus Petrus apostulus, vivendo in omnino da paupertate sine proprio et in humilitate, non faciendo guerras nec aliquem persequendo, set permettendo quemlibet in sua libertate".

Também afirmavam os apóstolos de Cristo, que,

após a época do papa Silvestre a igreja abandonou o gênero de vida dos primeiros santos, salvo o frade Pedro de Morro^{ne}, fundador dos Celestinos e mais tarde, a 5 de Julho de 1294, papa Celestino V.

Houve uma cruzada organizada por Clemente V, em 1305, onde muitos foram capturados e supliciados.

No ano de 1307, Dolcino foi prêso e encarcerado juntamente com Margarida. Após julgamento, seus corpos foram mutilados e queimados. Ainda se encontravam traços de Pseudo-Apóstolos em Pádua, em 1350, na Sicília em em 1372, em Narbonnais em 1374 e em Lubeck em 1402.⁽¹⁾

Desde o início andavam com os cabelos longos, uma túnica branca com uma pelerini branca em redor do pescoço. Seus membros deviam percorrer o mundo, mendigando à maneira dos pobres, vivendo de esmolas, e devendo pregar ao povo: "Fazei penitência, pois o reino dos céus está próximo". (Mat. III, 2) Alguns iam descalços, outros usavam sandalias.

Após cerca de vinte anos de existência da seita o papa Honório, a condenou com a lenda Olim felices recortationis de 11 de Março de 1286.

Nicolas IV enviou uma carta aos prelados da igreja, no ano de 1290, alertando-os acerca da heresia. Apesar de certo declínio da seita nesta época, houve pouco depois um renascimento e expansão que levou os inquisidores da Itália a procura-los e a agir contra eles.

(1) Rorum italicarum scriptores t. IX, 5ª parte, p. XXXVIII; Mansi Sacrosanctorum conciliorum... collectio T. XXV, col. 296.

Um golpe forte sofreu a seita com o aprisionamento de Segarelli e um número de seguidores, acabando Segarelli por subir na fogueira, apesar da proteção que lhe deu o bispo Opizzo, segundo a narrativa de Salimbene. Com o desaparecimento de Segarelli, Dolcino agrupou algumas milhares de pessoas de ambos os sexos, sobretudo na Itália, Toscana e regiões circunvizinhas, Dolcino escreveu três epístolas, das quais duas foram resumidas por Bernardus Guidonis em sua *Practica Inquisitionis*. A primeira carta data de Agosto de 1300. Afirma Dolcino que sua congregação é uma congregação espiritual.

Caracterizada por um gênero de vida apostólico, verdadeiramente com uma pobreza especial, admitindo somente uma obediência interna com exclusão de todo liame exterior. Essa seita, afirma êle, escolhida e enviada para a salvação das almas, bem como o que está à testa da congregação, não deixa de ser um enviado de Deus e objeto de uma escolha especial. Êle recebeu as revelações dos acontecimentos presentes e futuros com a missão de explicar as profecias e interpretar nestes últimos tempos as escrituras do antigo e nôvo Testamento.

Todos os que o perseguem, clero secular, muitos do povo, Predicadores e Menores serão exterminados e os que sobreviverem passarão à seita e se juntarão a êle. Distingue na condição de santos quatro idades caracterizadas cada uma por um gênero de vida. A primeira pertenceu aos Pais, patriarcas e profetas do Antigo Testamento e outros

(1) *Chronica*, ed. de Holder-Egger na *Mon. Germ. Hist., Script.* T. XXXII, p. 264-265.

justos até a vinda de Jesus. Neste estágio o casamento era coisa boa e louvável: assim o exigia a multiplicação do gênero humano. Porém no fim, os filhos se desviaram da conduta honesta e espiritual de seus antepassados. E pois, assim, para sanar a sua inconstância apareceu Cristo, com seus apóstolos, seus discípulos e aqueles que o imitaram. Essa foi a segunda idade dos santos e para estes últimos um novo gênero de vida. Eles foram o remédio perfeito para a enfermidade dos que os haviam precedido. Eles manifestavam a verdadeira fé pelos milagres, pela humildade, a paciência, a pobreza, a castidade e outros exemplos de vida virtuosa, opostas as tendências que haviam desviado os homens da primeira idade. Nesta segunda fase, a virgindade e a castidade eram preferíveis ao casamento, a pobreza, a abundância, melhor era viver sem nada de próprio que de possuir as riquezas da terra. Esta época durou até a época do papa Silvestre, e do imperador Constantino, mas então, já se afastavam da perfeição das origens.

A terceira idade começa com o papa Silvestre, ao tempo de Constantino. É nesse tempo que os gentios gradativamente vão se convertendo em massa à fé de Cristo. Recém-convertidos, não tinham ainda esfriado no amor a Deus e ao próximo, assim sendo, melhor foi que o papa Silvestre e seus sucessores aceitassem e possuíssem bens e riquezas terrestres do que praticar a pobreza apostólica; foi melhor a fim de manter e guardar os povos e exercer sobre eles uma dominação a fim de conserva-los: Mas quando os povos começaram a esfriar no seu amor a Deus e ao próximo e se desviar das práticas de São Silvestre, o melhor gênero de vida foi o de

São Benedito, sendo mais severo no que toca aos bens terrestres e mais afastados do poder temporal. Nessa época louvável era o gênero de vida dos bons clérigos que se conduziam como monges; ainda que o número de bens clérigos tenha diminuído e o número de monges tenha aumentado. Mais tarde, quando clérigos e monges esfriaram inteiramente no amor a Deus e ao próximo e abandonaram quase completamente a sua condição anterior, o melhor gênero de vida foi o de São Francisco e de São Domingos, mais estrito que que o de São Benedito e dos monges em matéria de possessões terrestres e de poder temporal. E, enquanto que prelados, clérigos e religiosos se tornaram frios em relação ao amor de Deus e ao próximo e que todos deixaram as práticas de seus predecessores, neste caso é preferível, agora voltar ao próprio gênero de vida dos apóstolos, antes de abraçar qualquer outro. Este gênero de vida apostólica estava reservado por Deus para estes últimos tempos. E é justamente este tipo de vida que foi inaugurado por Gérard Segarelli de Parma, grande amigo de Deus; durará e persistirá até o fim do mundo e trará seus frutos até o dia do julgamento. É a quarta e última idade caracterizada por um gênero de vida propriamente apostólico, diferente ao de São Francisco e de São Domingos, estes últimos possuem casas e carregam as esmolas que recolhem; mas nós diz Dolcino, não temos casas e sim levamos os produtos das esmolas, é por isto que a nossa vida constitui o maior, o último, e o universal remédio. Mais adiante, profetiza que todos os membros das ordens e da hierarquia eclesiástica serão exterminados próximamente, das mãos de um imperador e de novos reis que Deus constituirá, todos serão mortos e desapa

reccerção da face terrestre. Este novo imperador será Frederico II, rei da Sicília, filho de Pedro, rei de Aragão. Beguinos e Pseudo- A póstolos depositarão suas esperanças em Frederico (1296-1227), que estava em guerra com a Santa Sé, sob o pontificado de Bonifacio VIII. Um novo papa subirá e será um papa santo. Dolcino fala dos sete anjos e sete igrejas do Apocalipse: 1) o anjo de Efeso,⁽¹⁾ foi o bem aventurado Benedito, sua igreja, a ordem monacal; 2) o anjo de Pérgamo,⁽²⁾ foi o papa Silvestre; sua igreja, foram os clérigos; 3) o anjo de Sardes,⁽³⁾ foi Francisco, sua igreja, os frades Menores; 4) o anjo de Laodicéia,⁽⁴⁾ foi Domingos, sua igreja, os frades Praticantes; o anjo de Smirna,⁽⁵⁾ foi Gerard de Parma, que os pecadores mencionados acima mataram; 6) o anjo de Tiatira,⁽⁶⁾ é frei Dolcino, da diocese de novara; 7) o anjo de Philadelphia,⁽⁷⁾ será o mencionado santo papa, e estas últimas três igrejas são constituídas pela congregação apostólica enviada nestes últimos tempos.

Dolcino distingue 4 etapas na história da igreja. Na primeira etapa: bondade, humildade, pobreza e perseguição, foi o tempo de Cristo e dos apóstolos. Na segunda: bondade, castidade, honra e riqueza, foi o tempo do papa Silvestre. Na terceira etapa: riqueza, avareza, fornicação, honra e soberbia, é o tempo que dura há muito tempo e até hoje. A quarta etapa é parecida com a primeira; e nasceu com Segarelli que, enviado de Deus inaugurou uma vida de perfeição evangélica.

- 1- Apocalipse, II, .3
- 2- Apocalipse, II, 12
- 3- Apocalipse, III, 1
- 4- Apocalipse, III, 14Cr
- 5- Apocalipse, II, 8
- 6- Apocalipse, II, 18
- 7- Apocalipse, III, 7

JOAQUIM DE FLORA

JOAQUIM DE FLORA

Da grande riqueza de vida religiosa da Idade Média desenvolveu-se pela metade do século XIII no seio da ordem Franciscana, uma alarmante corrente de espiritualismo extremista, que adquiriu larga difusão e importância também no mundo laico, pois coincidiu com a crise do pensamento unitário medieval por causa do averroísmo e com a propugnação de uma concepção estatal fortemente secularizada. Essa corrente vinculava-se ao pensamento do abadê cistersiense Joaquim Flora, na Calabria (1202).

Joaquim era um asceta estimadíssimo, devotado a igreja e fundador de uma congregação cistersiense reformada (Ordem Florensis). Como Gilbert de la Porre, assim êle também, foi envolvido, por uma especulação imprudente no êro do triteísmo; o IV concílio de Latrão de 1215 no can. 2 condenou o seu escrito, para nós perdido "De unitate trinitatis". Conseqüências ainda mais fatais trouxeram as suas especulações a respeito do curso de história do mundo e da igreja e as suas profecias de caráter apocalíptico-reformista. Êle as expôs em três escritos fundamentais: Concordia Novi et Veteris testamenti, Expositio in Apocalypsim e Psalterium de cem chordarum, expandindo-se amplamente, num fantástico simbolismo numérico e uma profunda interpretação alegórica e tipológica da Sagrada Escritura; o tratado culminava na profecia da última idade do Espírito Santo, próxima a realizar-se, que teria levado a igreja secularizada a uma reforma radical.

Joaquim não pôs como centro de sua teologia da história a cristologia, como até então se fizera mas a Trin

dade. As três pessoas em Deus fêz corresponder três epocas diversas (status) da história da salvação; a idade superior a Cristo ou Idade do Pai, dominada pela letra da lei e pela carne, a época dos desposados e dos laicos; a Idade do Filho (42 gerações de 30 anos cada uma, segundo Mtl,17) que representa um estadio intermedio entre o espirito e a carne, época dos clerigos; enfim, a terceira e ultima idade, a do Espírito Santo e dos monjes, a partir de 1260, na qual o "Evangelium eternun" (Apc 14, 6), isto é, uma interpretação espiritual superior (intelligentia spiritualis) dos dois Testamentos teria sido pregada por uma nova ordem monástica (Ordo iustorum) e a corrompida igreja da carne teria cedido o lugar a perfeita igreja do espirito.

É evidente que tal especulação estava nítida contradição com o conceito corrente da Civitas Dei in terris e era a mais indicada para levar ao repudio e a dissolução os conceitos da igreja e de hierarquia. Dada as angustias do tempo, éla encontrou bastante aceitação, especialmente no ambiente rigorista dos Espirituais, que representavam uma corrente mais rigida na ordem franciscana. Tambem o geral dos Menores, João de Parma (1247-57) a acolheu com simpatia,

O franciscano Gerardo de Borgo San Donnino publicou em 1254, o seu "Introductorius in Evangelium eternun" , no qual apontava como "evangelho eterno" exatamente as obras de Joaquim, exaltava São Francisco como o novo legislador e profeta enviado por Deus e indicava nos Franciscanos (Espirituais) a nova ordem da ultima idade anunciada por Joaquim. Desencadeou-se imediatamente uma feroz perseguição contra êles.

Em consequência de uma pesquisa levada a cabo por uma comissão pontifícia em Anagni, o Introductorius foi con-denado por Alexandre IV em 1255, e a Gerardo foi infligida a detenção perpétua num convento, sendo que os escritos de Joa-quim foram condenados num senado provincial de Arlles (depois de 1263).

Não se pôde porém, sufocar a corrente Joaquitana, e a idéia de uma renovação da igreja, a se alcançar com a supressão do seu poder terrestre, idéia que dominou, mescla da com idéias políticas de natureza variada, por tãda a Ida-de Média, na mente de muitos. Com essa influência devem-se relacionar também, certas manifestações de devoção exêntri-ca, como as procissões dos flagelantes (flagelários, flage-ladores) em 1260- 61, que partindo de Perúgia se difundi-ram através da Italia Central e Setentrional até a Alemanha e obrigaram as autoridades eclesiásticas a intervir. Também na eleição de 1294 de Celestino V, no qual muitos quiseram ver o "papa angélico" influíram as idéias Joaquitanas. Pouco mais tarde representavam tal movimento o médico e o teólogo laico Arnaldo de Vilanova, (1311), de confiança de Bo-nifácio VIII ⁽¹⁾ A divisão histórica de Joaquim tem seus an-tecedentes no tipo de divisão histórica fundada por Santo Agos-tinho e que serviu de base para interpretações místicas mais profundas no correr da Idade Média.

Santo Agostinho se inspira antes de tudo no estabe-lecido no Evangelho de São João, berço e incubadora das grandes visões escatológicas e apocalípticas dos século posteriores. Segundo Santo Agostinho temos as seguintes etapas na vida da humanidade: a) de Adão ao Dilúvio, b) Abraão, c) David, d) o

(1) M. M. Pelayo, história de los Heterodoxos, B.A.C.1965,pg.479-512.

Exílio, e) nascimento de Cristo, f) o momento atual, g) e o dia da paz que anuncia o futuro, que não terá mais crepúsculo.

Um dos predecessores de Joaquim Flora no tocante ao tipo de divisão histórica adotado segundo etapas, é Scotus Erigena (810-'877) que estabelece três grandes divisões, cada uma marcada por um sacerdócio; a) o primeiro sacerdócio, o do Antigo Testamento, que viu a verdade através das nuvens de mistérios ininteligíveis, b) o segundo sacerdócio, o do Novo Testamento, iluminado com alguns raios de verdade e com alguns símbolos obscuros, c) o terceiro sacerdócio, o da vida futura, que deixará ver a Deus sem mediação. Ao primeiro corresponde a lei natural, ao segundo corresponde a lei da graça, ao terceiro corresponde o reino de Deus. O primeiro levantou a natureza humana corrompida; o segundo a enobrecu pela fé, a esperança e a caridade; o terceiro ~~aluminará~~ iluminará pela contemplação.

O primeiro figurado pela arca material, foi dado a um povo carnal, a quem só a letra comovia. O segundo pelos símbolos tangíveis dos sacramentos, encaminha as almas à vida espiritual que não se realizarão plenamente mais que no paraíso. Assim se dissiparão na luz da igreja futura a aparência da igreja presente.

Scotus, em sua homilia sôbre o primeiro capítulo de São João não teme em dizer que o Espírito Santo seja, em Jesús Cristo, sob uma figura humana é o princípio da vida divina ⁽¹⁾. A Igreja do Novo Testamento não é pois mais que

(1) COMMENT. In Evang. Joann. M.P.L., 308

a imagem simbólica da Igreja Eterna. E já desde sua vida terrestre os cristãos da ordem contemplativa penetraram nesta igreja superior e participam da espiritualidade ideal da vida celestial.

Na afirmação de Scotus haverá uma subida de Igreja do Verbo à Igreja do Espírito.

A doutrina de Scotus reaparece na escola de Amaury de Chartres que dizia: "O poder do Padre durou tanto como a lei mosaica, e, como está escrito: na aparição das coisas novas as velhas serão rechaçadas, depois da chegada de Cristo todos os sacramentos do Antigo Testamento foram abolidos, e a nova lei permaneceu em vigor até hoje. Mas desde agora, os sacramentos do Novo Testamento terminaram e a era do Espírito Santo começou. O Pai está encarnado em Abraão, o Filho em Maria, O espírito Santo encarna cada dia em cada um de nós. O Filho atuou até o presente, mas o Espírito Santo opera desde agora e sua obra durará até o fim do mundo". Esta lei definitiva, era segundo êle, o terceiro Testamento.

Giovanni dei Gioachini, nasceu em Celico, perto de Cosenza, na Calábria, em 1135. Seu pai pertenceu a burguesia nobre do reino normando. Ao se converter a fé fez uma viagem a Constantinopla e a Palestina. Ao voltar a Calábria ingressou na Ordem Cisterciense em Sambucina em 1160. Em 1177 recebeu a dignidade abacial no mosteiro de Corazzo. Considerado como profeta e homem santo, Joaquim se encontrou com personalidades importantes de sua época, inclusive com Ricardo Coração de Leão em Messina durante a terceira cruzada (1190-91). Mas um dia fugiu do mosteiro e foi a Roma

para suplicar a Lucio III que o tirasse do cargo que o impedia de meditar na palavra de Deus. O papa o devolveu a liberdade e Joaquim voltou à Calábria. Ermitão, se retirou ao deserto de Pietralata, compondo a Concórdia, o comentário sobre o Apocalipse, o Saltério de dez cordas. Em 1188 êle deixou Corazzo e se retirou a Sila (num planalto da Calábria) onde fundou a comunidade de ermitas em San Giovanni de Fiore, de onde saiu a Ordem Florence. A sua regra foi aprovada em 1196 pelo papa Celestino III. Nos últimos dias, Joaquim, se fêz levar a Tebaida de Pietralata, ao pequeno Convento de São Martinho para morrer ali em 30 de Março de 1202.

O primeiro estado religioso, na célebre divisão de Joaquim, é o período em que os homens viveram segundo a carne e êle se estende de Adão a Jesus Cristo, trazendo seus frutos de Abraão a Zacarias; o segundo estado religioso é o período em que os homens viveram entre a carne e o espírito, e começou com Osias e Eliseu e chega até o tempo em que escreve Joaquim, trazendo os frutos desde Zacarias até São Bernardo; o terceiro estado é aquêle em que se viverá segundo o espírito, somente, que começou com São Benedito e durará até a consumação dos séculos. Dêsdos três períodos ou estados, os dois últimos concorrem, por sua origem, com o fim da época precedente e correspondem a êles três ordens de pessoas às quais Deus se encarregou de manifestar a vida religiosa em seu mais alto grau:

1) a ordem dos esposos, isto é; dos patriarcas, depois a dos reis.

2) a ordem dos clérigos que começou pela trilha sacerdotal de Judá e de Osias e produziu a sua maior figura em

Jesús Cristo, rei e sacerdote supremo.

3) a ordem dos monges, da qual São Benedito foi o primeiro. Houve algo antes d'êle, mas sómente com êle é que o monarquismo recebeu o "Espírito Santo que mostrou a sua autoridade perfeita".

Os três estados, ou tempos, possuem caráter proprio em relação a muitos valôres, diferenciando-se nítidamente um do outro. Como em outros místicos medievais, em Joaquim se encontra a Trindade como fundamento para uma especulação religiosa, como dissemos mais acima.

Vejamos os diversos valôres distribuidos nos três tempos.

Iº TEMPO	IIº TEMPO	IIIº TEMPO
conhecimento	sabedoria	inteligência plena
obediência servil	servidão filial	liberdade
prova	ação	contemplação
temor	fé	amor
idade dos escravos	idade dos filhos	idade dos amigos
velhos	jovens	crianças
fulgor das estrêlas	aurora	estio
inverno	princípio da primavera	verão
urtigas	rosas	açucenas
erva	espigas	trigo
agua	vinho	azeite
septuagésima	quadragésima	festa da pascua
Pai	Filho	Espírito Santo

O evangelho eterno sera compreendido pela inteligência espiritual, misticus intellectus, a única que

chega ao Espírito Santo, e levará a florescer então uma igreja completamente mística.

As interpretações sôbre a doutrina de Joaquim e sua personalidade são muitas. Já um dos seus primeiros biógrafos, Luca arcebispo de Cosenza, afirma ter conhecido Joaquim na abadia siterciense de Casamari, e ter sentido o fascínio de sua forte personalidade, colocando-se ao seu lado como amanuense e seguí-lo nas suas incansáveis peregrinações. Autores modernos colocam a Joaquim como seguidor de uma tradição eclesiástica oriental (entre êstes o medievalista italiano Tocco). Outros o vêem enquadrado no monarquismo de seu tempo, observando que êle é filho de espírito siterciense, isto é: de uma reforma eclesiástica tipicamente latina.

O que se pode verificar é que Joaquim vê na unidade da igreja, seja da Oriental ou da Latina o início da palingênesa espiritual anunciada em seus escritos. Também a conversão de Israel é condição para a transformação universal, assim como sinais dela se encontram na reforma siterciense e florence.

As preocupações financeiras da Igreja de Celesti no III e as contravérsias devido a estas questões, com Henrique VI, devia levar aos que sonhavam com uma cúria menos mesclada com os interêsses terrenos a alimentar um entusiasmo com as idéias de Joaquim Flora.

É preciso destacar que a crítica Joaquitana se faz no seio da igreja e dentro de sua obediência, contrariamente à aberta rebelião dos seguidores de outras heresias, como

exemplo a dos vândenses. No "tractatus superquatuor Evangelia", qua Buonaiuti em sua introdução considera "che sono uno degli ultimi suoi grandi scritti, e che quindi possono considerarsi come il suo testamento"⁽¹⁾, alude aos Pobres de Lyon, uma vez para reprovar-lhes a hostilidade ao trabalho (c.107A2 e B1); outra para deplorar-lhes a indisciplina (c.113Aq); outra novamente para repudiar o trabalho (c.135B1).

O fato de apregoar a unidade da igreja grega e latina não é nisso que se salvará a idéia cristã, mas do monarquismo virá a salvação (c.106A1). De Um monarquismo purificado e simplificado dos quais já encontramos os germes (c.112AI,2). O novo tipo de Ordem contemplativa e missionária tem como regra a pobreza e a contemplação. A igreja hierarquizada cederá o posto a igreja espiritual; e Elias o profeta da nova verdade já veio: "praesente iam in mundo, ut credimus Helya" (cod. Ant.322,c.107A2). "Deus prostat superbiam diaboli in voluntaria paupertate electorum " "suorum" (ibid., 90A2); e "prior enim fuit vita contemplativa in paradiso, quem activa in mundo et tamen ob peccatum primi hominis factum est praecederet quod animale est, sequeretur quod spiritale" (ibid., 107B2). Enfim o profeta calabrês, com tais idéias iria fornecer a plataforma para o desenvolvimento de novas heresias. Joaquim não será esquecido, mas exercerá, sem talvez o querer, um patronato espiritual durante mais de um século na história da heresia medieval.

(1) *Tractatus super quatuor Evangelia* di Gioacchino da Fiore, Istituto Storico Italiano, 1930, p. xxxviii-xxxix.

O S B E G U I N O S

Apêndice

OS BEGUINOS

È a partir de 1317 que os Beguinos foram tratados como heréticos.

A seita dos Beguinos ou Pobres Irmãos da Penitência da Ordem de São Francisco declaravam aceitar a Terceira regra de São Francisco⁽¹⁾. A partir do ano 1315 se encontravam já suspeitos e perseguidos em Narbona, em Toulouse e Catalunha onde um bom número foi aprisionado e queimado.

Os Beguinos foram muito influenciados pelos escritos de Pedro João Olivi, originário de Sérignan, perto de Béziers. Seus comentários sobre o Apocalipse foram lidos em latim e língua vulgar. Também se dizia ser o autor de outros tratados que eram lidos entre os Beguinos; um sobre a pobreza, outro sobre a mendicidade e ainda outro sobre as dispensas religiosas.

Nasceu Olivi em 1248 ou 1249 e morreu em 1298.

No ano de 1319, em Avignon, oito mestres de Teologia examinaram o dito comentário do Apocalipse. Ao seu ver muitos artigos foram considerados heréticos, outros foram tachados de falsos. O julgamento definitivo da obra não ficou nisto, pois, o papa João XXII se reservou ao direito de promulgar uma sentença final ulterior em 27 de Setembro de 1322. (Eubel, Ballarium Franciscanum, t.V, p. 233, nº 483).

A condenação solene da "Apostilha" de Olivi foi feita em consistório a 8 de Fevereiro de 1326.

(1) Pauperes de penitentia de Tertio Ordine Sancti Francisci.

Fenômeno conseqüente da reforma gregoriana e de tendência à vida apostólica promovido pelos pregadores ortodoxos e hereges, é o das Beguinias (mulieres religiosae, beguinae, bejginae). Sob a direção de uma mestra vivem vida comum, sem votos propriamente dito dentro de "côrtes de Beguinias", que se dedicam à oração, ao trabalho manual, à assistência aos enfermos, ao cuidado dos cadáveres e à educação das crianças. Teria sido fundada por Santa Bega (†684) filha de Pepino, o Velho (de acôrdo com uma lenda do século XV), ou por obra do pregador penitencial Lamberto, le Béque (o gago) ou le Béguin (1177) em Liège. Outros derivam o nome dos (11- bigen- ses), caso êle nao provenha do hábito incolor das mulheres (bège= bege). As beguinias apareceram pela primeira vez nos ambientes da bem aventurada Maria de Oignies (†1213) em Nivelles no Brabante meridional pelo fim do século XII. Propagou-se em Liège e em outras cidades da Bélgica e dos Países Baixos, da França e da Alemanha. Gregório IX emanou em seu favor um brevê de proteção (1233). Mas muitas Beguinias deixaram-se influênciar pelas idéias panteístico-quietistas dos Irmãos do Livre Espírito e incorreram nas impressões da Inquisição de sorte que tôda associação foi desacreditada e o concílio de Viena de 1311 ordenou a sua supressão. Contudo Joao XXII permitiu ainda às Beguinias ortodoxas à vida comum e o exercício de sua atividade caritativa. Alguns conventos de beguinias uniram-se à ordem Terceira de S. Francisco ou de S. Domingos. Os Begardos (beguines, begines, bejardos) associação masculina paralela à das Beguinias, aparecem por volta de 1220 nos Países Baixos. Atuavam na assistência aos enfermos e sepultamento dos mortos e tiveram difusão tão extensa, quanto as Beguinias. Bem cedo degeneraram e se tornaram suspeitos de heresia, de modo que desapareceram ainda antes do século XVI.

No comentário ao Apocalipse Pedro João Olivi combina os devaneios apocalípticos de Joaquim Flora com as elubrações do frade menor Gérard de Borgo San Donnino, expressas em 1254, num opúsculo "O Evangelho terno". O sucesso--de Pedro João Olivi entre os Beguinos e os "Espirituais" se deve ao fato de ter escrito uma síntese bem ordenada das teorias aceita entre êles. Segundo Gebhart, Pedro João Olivi, foi castigado com moderação por vários gerais da ordem, por Geronimo de Ascoli, o futuro Nicolas IV, por Bonagracia, em Estrasburgo, depois em Avignon, por Arlotto de Prato em Paris, pela segunda vez em 1292 em Paris, devia explicar-se perante o capítulo geral presidido por Raimundo Gaufridi. Morreu tranquilamente em Narbonne, em 1298, depois de uma edificante profissão de fé católica e um ato de submissão ao papa Bonifácio VIII. Durante alguns anos o aniversário do dia de sua morte foi celebrado com grande devoção pelo clero e o povo de Provença. Mais tarde, baixo João XXII, se maltrataram e perseguiram os monjes que se obstinavam em ler seus escritos. Se o acusou formalmente de heresia e desenterraram seu cadaver quimando-o ⁽²⁾. Beguinos e Espirituais o, adoravam como a um santo.

Pedro João Olivi havia escrito dois tratados, o "De Paupere usu" e o "De Perfectione evangelica", que desapareceram e comentários sôbre os Gênesis, os Salmos, os Provérbios, o Cantigo dos Cantigos os Evangelhos e o Apocalipsis; um tra

(1) GEBHART, Emílio - La Italia mistica. Ed. Nova, Buenos Aires 1943, p. 172

(2) EHRLE, F. - In Archiv für Literature und Kirchengeschichte, t. II, 1886, p. 293, e t. III, 1887, p. 443.

tado sôbre a Autoridade do papa e do Concílio e uma exposição da Regra de São Francisco, cujo manuscrito possuímos.

Seus pontos de vista ~~se~~ resumidos por Angelo Clareno, na História Septem Tribulationum ordinis Minorum, são claros; não concede a seus irmãos mais que o uso dos alimentos - necessários para a vida de cada dia e os objetos, breviários ou vestimentas sagradas que servem para o ofício divino. Proíbe-os receber pelas sepulturas outorgadas nas igrejas dos Menores, e receber doações. O mais profundo de sua doutrina era, segundo seus censores e apologistas uma idéia Joaquimita. Proclamava um estado futuro da Igreja, mais perfeito que o precedente, de que São Francisco era o precursor e cujo advento seria apressado pelas reformas monacais.

Nicolas Eymeric, escreveu a lista das heresias contidas nas obras de Pedro João Olivi, em seu Directorium Inquisitorium: "A regra de São Francisco é verdadeiramente a lei Evangélica. A lei dos franciscanos é reprovada pela Igreja carnal, como era a lei dos cristãos pela sinagoga. É necessário que a Igreja carnal, para acabar de merecer a sua destruição condene a regra de São Francisco. A lei Evangélica de São Francisco esta chamada a prosperar entre os gregos, os judeus, os sarracenos e os tartaros, mais que na Igreja carnal dos latinos. Esta Igreja, que se chama universal, católica e militante não é mais que a Babilonia impura a grande pervertida, meretrice, magna, que a simonia, o orgulho e todos os vícios precipitam no inferno. Corresponde aos doutores do Estado perfeito muito mais do que correspondeu antigamente aos apóstolos, abrir as portas espirituais da sabedoria cristã".

Frei Angelo foi perseguido e condenado à prisão per

pétua, posto em liberdade em 1289 pelo geral Raymundo Gaufri
di; logo depois foi obrigado a refugiar-se, apesar de, sob o
pontificado de Celestino V ter um curto repouso, em uma ilha
do Adriático ou nas ermitas da campanha romana e do reino de
Nápoles a fim de escapar de Bonifácio VII. Morreu em 1337.
Em 1317, escreveu ao papa João XXII uma ampla epístola apolo
gética para defender a ortodoxia de seus irmãos; na mesma é
poca, desde Avignon e depois desde os arredores de Roma, es
creveu cartas aos Espirituais espalhados por toda a Itália,
para encorajá-los em sua fé. São testemunhos preciosos os
de Angelo Clareno para a questão dos Espirituais.

Apesar da Igreja, após ter se amainado a rebelião
dos Fraticellos se mostrar mais indulgente com a memória de
Pedro João Olivi (Sixto IV, papa franciscano permitiu ler
seus livros), sabemos a que excessos se haviam entregue os
Conventuais (que aceitaram a remodelação na regra francisca
na) contra os discípulos diretos de Olivi. Conforme o livro
das tribulações, um destes discípulos, Poncio de Buontugato,
que se recusou a entregar os escritos de seu mestre foi en-
carcerado em uma cela esperando a morte com "alma jubilosa e
ardente de amor". A mesma sorte foi reservada a Tomás de Cas
teldemilio. Outros, como Pedro de Macerata que estavam con
denados foram libertos a tempo pelo geral Raimundo Gaufridi.
Pediram para ser enviados às missões do Oriente, convencidos
de que encontrariam entre os sarracenos a misericórdia e a
liberdade que já não esperavam de seus irmãos. Assim entre
os religiosos da Itália que pretendiam a perfeição absoluta
e o resto da família franciscana, menos exigentes, mais ra-
zoáveis e satisfeitos elegeu-se um caminho menos espinhoso
para a salvação.

Assim, entre esse despreendimento de tudo é então muito simples, até entre um grande número de afiliados da Ordem Terceira, que se esforçam em escapar das obrigações de seu estado social e buscam no seio das cidades populosas a paz e o egoísmo do clausto. O papa Franciscano Nicolas IV renovou em 1289, com a bula Supra Montem, a constituição dos Terciários ou dos "Irmãos da Penitência", cuja primeira regra era posterior cinco ou seis anos à morte de São Francisco.

Em 1290, com a bula Unigenitus, confirmava aos visitadores da ordem a vigilância dos afiliados aos quais, subtraídos à fiscalização de seus bispos, formavam uma espécie de instituição religiosa. Em cada comuna uma parte considerável da burguesia dependia, em virtude desta regra, dos chefes dos menores e, por conseguinte, da Santa Sé. Em 1291, com a bula Ad audientiam, dirigida ao bispo de Florença, Nicolas IV nos informa sobre a crise que se produziu entre os Terciários: aqueles que, rebeldes à constituição da bula Supra Montem, se estreitaram ao redor do bispo e receberam em recompensa por seu apêgo a velha disciplina os privilégios, breviários, os móveis e os bens da antiga confraria. O papa toma então a defesa dos mais dóceis a Santa Sé, os quais aos olhos do bispo e do clero paroquial de Florença são verdadeiros apóstatas. Esta resistência do episcopado italiano às reformas de Nicolas IV é um dos numerosos incidentes da luta da igreja secular contra as ordens mendicantes. Mas no curso desta crise se nota um conflito menos grave entre a sociedade civil e os Irmãos da Penitência. As relações entre o estado e esta vasta comunidade eram difíceis. Desde as origens, os Terciários se subtraíram ao serviço militar, do de

ver feudal, de exercer cargos públicos. Os papas estão constantemente ocupados em livrá-los das exigências da lei comunal. Gregorio IX determina os casos estritos nos quais podem prestar juramento em justiça e concorrer aos compromissos solenes de suas cidades. Nicolas IV confirma, "por indulgência da sede apostólica" exceções à regra geral da abstenção civil. Renova, ademais, o privilégio dado aos Terciários de dispor de seus bens em favor dos pobres ou da igreja a exceção de suas famílias ou do estado, aos quais êsses cristãos extremistas recusam o pão e o impôsto, em nome da pobreza e vangélica.⁽¹⁾

Os Beguinos viviam nas cidades e nos burgos em pequenas "casas da pobreza". Em dias de festas e aos domingos, os Beguinos que habitavam em comuna se reuniam com seus familiares ou amigos. Liam juntos os opúsculos ligados à sua doutrina, que tratavam dos mandamentos, dos artigos da fé e as lendas de santos.

Entre êles alguns mendigavam de porta em porta a fim de cumprir a pobreza evangélica, outros trabalhavam e ganhavam, mas levando sempre uma vida paupérrima.

Os Beguinos sustentavam que Jesús e seus apóstolos em sua vida mortal, não possuíram nada, nem em particular e nem em comum, pois êles eram nesse mundo pobres perfectos.

Afirmavam também que a regra de São Francisco é a mesma regra que de Jesús Cristo, observou nesse mundo e legou a seus apóstolos.

(1) Esta descrição foi feita segundo Gebhart, *La Itália Mística*, que por sua vez se baseia em K. Müller, *Die Anfänge des Minoriten orden und der Bussbruderschaften*, cap. III.

O que São Francisco aos seus irmãos no tocante a pobreza e evangélica deve-se interpretar de tal modo de que os seus a póstolos ou melhor os que professam dita regra não possam nada possuir nem em particular nem em comum. Mas sómente o ⁽¹⁾ necessário à vida, fazendo sómente o uso "pobre", que frisa a indigência e prescreve todo o supérfluo.

Para êles São Francisco foi após Jesús e os apostolos, o principal e o maior observador da vida e da regra, evangélica; êle foi o renovador nesta sexta idade da igreja que é a nossa época. Que a regra é o mesmo que o Evangelho de Cristo, e quem a combate, portanto combate o Evangelho; e portanto não passa de um herético. Assim como o papa e nenhum outro podem modificar o Evangelho, do mesmo modo ninguém pode modificar a regra de São Francisco, nem ajuntar ou suprimir. Portanto, o papa não tem o direito de anular a dita regra evangélica de São Francisco que não é outra senão a ordem evangélica. Isto também é válido para a regra e a terceira ordem de São Francisco.

Um papa ou concílio geral não podem anular ou contradizer as aprovações, decisões ou ordnações confirmadas por antecessores seus, portanto as duas regras de São Francisco confirmada pelos pontífices romanos como todas as regras não podem ser anuladas por nenhum papa nem mesmo por concílio geral. Caso o fizer, ninguém deverá obedecê-lo, mesmo sob pena de excomunhão.

O papa não pode dispensar alguém dos votos feitos

(1) Pedro João Olivi compôs em 1279, um tratado sobre o "uso pobre" que T. Ehrle publicou no Archiv. literatur und Kirchengeschichte T. III, 1887 pag. 507-517.

à regra de São Francisco, isto é, a castidade, pobreza e obediência; e momento do voto de pobreza feito a Deus, quando este voto foi simples e não solene, a pessoa que fez um voto de pobreza terá de observá-la, para sempre, pois a dispensa implicará a descer de um grau de virtude e de perfeição mais elevado a um grau baixo e inferior, e que o papa não pode usar de seu poder senão para construir e não destruir. O papa não tem o direito de editar uma bula ou decretal, permitindo nos Frades Menores, ou dispensando-os de conservar, com previsão ao futuro, nos silos e celeiros, o grão e o vinho para o seu uso e alimentação, pois isto é contrário a regra evangélica de São Francisco, e por consequência ao evangelho de Cristo.

Nicolas III aprovou pela bula "Exiit qui seminat, e levou a abdição de toda a propriedade: "O Cristo dizia, traçou a via da perfeição, a ensinou oralmente e a pôs em prática". A propriedade dos imóveis adquiridos pelos menores ou recebidos por doação, bem como os objetos móveis eram propriedades da Santa Sé. Clemente V no concílio de Viena, confirma a decisão de seu precursor pela bula Exivi de Paradiso.

(1)
O papa João XXII, pela bula Quorundam⁽¹⁾ permite aos Frades Menores, ao arbitrio dos superiores da Ordem, de manter reservas de grãos e vinho, se coloca em oposição a pobreza evangelica e portanto ao Evangelho de Cristo. Ele-

(1) 7 de outubro de 1317 (Eubel, Bullarium Franciscanum, t.V, p. 128-130). Na bula Quorundam há referência à vestimenta dos frades. É proibido aos frades os hábitos curtos, estreitos e remendados do tipo que os espirituais usavam. Denifle e Chatelain, Chartularium Universitates Parisienses, t.II, p.215, nº 760, publicaram uma consulta de treze teólogos relativa às objeções formuladas pelos Espirituais contra a bula Quorundam.

caiu na heresia enquanto perseverar, e perde devido a isto o poder papal de ligar e dissolver, bem como os outros poderes. Também os Frades Menores que por sua instancia provocaram tal constituição ou bula, que se aprovaram, a aceitaram e fizeram uso dela, são declarados hereticos. O papa não tem o direito de dispensar, contrariamente a regra de São Francisco, no que concerne ao tamanho e qualidade do habito dos Frades Menores, onde todo o superfluo deve ser banido; nisto não se deve segui-lo bem como em tudo que é contrário a dita regra. Os prelados saídos da Ordem de São Francisco, devem continuar mantendo a perfeição e angélica, segundo a regra.

(1) Trata-se dos conventuais da Ordem Franciscana. Foi por instigação do ministro geral Michel de Cesena e dos chefes dos Conventuais que Joao XXII cortou o litigio que dividiu depois durante muito tempo a ordem dos Menores em duas facções inimigas. Desde 1316 ôle pediu insistentemente de por um termo as extravagâncias dos Espirituais nos conventos de Narbonne e de Béziers. Ellos adotam costumes estranhos; ôles praticam um ascetismo rigoroso; ôles expulsam os Conventuais que habitavam lá; se declararam independentes de seus superiores, (Histoire litteraire de la France, T. XXXIV, p. 427).

(2) A Santa Sô considerava de fato os cardeais e os bispos saídos da ordem dos Menores como desligados do voto da pobreza, pois ella lhes dava e autorizava o direito de possuir numerosos benefícios. Joao XXII orientou o espirital Ubertino da Casale do entrar no mosteiro beneditino da Sant Pierre, em Gembloux, apesar dos estatutos e costumes da ordem franciscana, sem dúvida, a fim de por um termo às discussões que o agitador suscitado entre os irmaos pela publicação de seu livro "A arvore da vida" (bula do 1/10/1317). Eubel, Bullarium Franciscanum, T. V. nº 287, pag. 127). Isto vem a mostrar que a mudança de ordem de um frade franciscano não o desliga do voto de pobreza.

Os quatro heréticos condenados em Marselha em 1318 por um inquisidor Michel Lemoime, franciscano também, o qual João XXII designou para perseguir os Espirituais, em 6 de Novembro de 1317, o foram por terem entendido manter a pureza, a verdade e a pobreza da dita regra de São Francisco, e por não terem aceito abrandamento desta regra e não aceito a dispensa cedida pelo papa neste ponto e portanto; se negado a obediência papal; êles foram condenados injustamente e pela defesa da regra evangélica. Portanto êles não são heréticos, mas católicos e martires gloriosos onde imploramos por êles orações a Deus. E para muitos Beguinos, Cristo foi novamente crucificado na pessoa dos quatro frades menores, como se fosse sôbre os quatro braços da cruz; nêles a pobreza de Cristo e sua vida foram condenados. Se o papa ordenou e aprovou tal condenação feita por seu Inquisidor; êle mesmo é o herético e o maior de todos, pois, como chefe da Igreja, deveria assumir a defesa da perfeição evangélica. Daí ter êle perdido o poder pontifical, e êle não é mais papa entre os fiéis, que não lhe devem mais obediência: a sede é considerada vacante. Um certo número de Beguinos, foram condenados após o ano de 1318, como heréticos pelos prelados e inquisidores na província de Narbonne, em Narbonne, Capestang, em Béziers, em Lodève, na dioce

(1) Angelo Clareno, na sua história Septen tribulatio^{nis} ordinis minorum (ed. F. Ehrle, dans L'Archiv für Literatur-und Kirchengeschichte, T. II, 1886, pg. 142-147), narra as perseguições injustas aos Beguinos feitas pelos prelados e inquisidores da heresia, após o ano de 1318 em muitos lugares da província de Narbona, em Narbona, em Capestang em Bôziers, em Lodève, na diocese de Agde, em Lunel, em Marselha e na Catalunha. Quatro foram condenados e queimados em Marselha, 7 do Maio de 1318, além de outros tantos condenados a diversas penas.

se de Agde, em Lunel. Êles tinham aos quatro frades menores como santos mártires. Os nomes destes menores nos foram conservados. Êles se chamavam Jean Barrou (Barravi), Déodat Michel, Guilhem Sancton (Sanctonis), Pons Roche (Rocha); segundo a sentença formulada por Michel Lemoine, (Eubel, Bullarium Franciscanum, T. V. pag. 133). Aos seus olhos o ensinamento de Pedro João Olivi é a verdadeira doutrina católica, e a igreja carnal, isto é a igreja Romana, isto é, a Babilonia, a grande prostituta será destruída e demolida, "sicut olim destructa fuit synagoga Judeorum, incipiente ecclesia primitiva!"

Os prelados e religiosos que usam roupagens superfluas e ricas agem contrariamente a perfeição Evangélica, e aos precitos de Cristo, mas em favôr do AntiCristo; êles e os clérigos que ostentam pompa são de família do AntiCristo.

Outro aspecto da doutrina dos Beguinos é o da aceitação da afirmação Pedro João Olivi de que Cristo vivia quando foi crucificado e sua alma residia realmente em seu corpo. O concílio de Viena (6 de Maio de 1312) decretou, contrariamente a Pedro João Olivi, acerca da morte de Jesus: "Nós declaramos que o dito apóstolo e Evangelista João apresentou os fatos com exatidão quando êle diz que o Cristo já estava morto no momento em que um dos soldados abriu o seu lado com um golpe de lança. "(Eubel, Bullarium Franciscanum T. V. pag. 86)"

Pedro João Olivi é considerado por êles como sendo aquêles anjo do Apocalipse, cap. X, de uma maneira espiritual, que na sua face era como o sol e que tinha um livro

aberto em sua mão. Entre todos os doutores, é a êle que se manifestou a verdade de Cristo e o entendimento do livro da Apocalipse. E se o papa condenou a doutrina, e os escritos do frade Pedro João Olivi, será êle considerado herético, (1) pois condenou a vida e a doutrina de Cristo.

Assim sendo, mesmo que sejam excomungados, os Beguinos não obedecerão e não se considerarão como tal.

Ao fim da sexta idade da igreja na qual nós estamos e que começou com São Francisco a dita igreja carnal, Babilonia, a grande prostitua, será rejeitada por Cristo, como foi outrora a sinagoga dos judeus. Estes crucificaram a Cristo; a igreja carnal, crucifica e persegue a vida de Cristo na pessoa dos que se denominaram Pobres Espirituais, da ordem de São Francisco (quos vocant pauperes et spirituales ordinis sancti Francisci).

E assim, do mesmo modo que após rejeitar a sinagoga dos judeus, Cristo escolheu um pequeno número de homens que na primeira idade da igreja, fundavam a igreja primitiva, assim, após a rejeição e a destruição da igreja romana carnal, na sexta idade da igreja, estará um pequeno número de oleitos, Espirituais, Pobres evangélicos, dos quais a maioria pertencerão as duas ordens de São Francisco, a primeira e a Terceira. É por meio deles que sera estabelecida a igreja espiritual, que será humilde e bôa, na

(1) Em seguida a uma enquete feita pelo ministro geral dos Menores, o capítulo reunido em Marselha no ano de 1319 se autorizou a condenar os uscritos de Pedro Joao Olivi como heréticos. F. Erhle, Petrus Johannes Olivi sein Leben und seine Schriften, no Archiv für Literatur un Kirchengeschichte, T. III ann 1887, pag. 451.

setima e última idade da igreja que começará com a morte de AntiCristo. Tôdas as ordens religiosas serão destruídas pelas perseguições do AntiCristo com excessão da ordem de São Francisco. E ainda distiguirão na ordem três partes: a primeira constituida do que êles chamam, a massa da ordem. A segunda compreende os Fraticellos da Itália. Os Fraticellos eram Espirituais que haviam formado comunidades independentes da ordem mesma dos Frades Menores sob a cobertura dos privilégios concedidos em 1294, por Celestino V, mas revogados por Bonifacio VIII. Habitavam mais comumente na Itália Meridional. A terceira se compõe dos irmãos que chamamos Espirituais e que observam em sua pureza o espírito da regra de São Francisco, assim como os irmãos da Terceira ordem que aderem a suas doutrinas. Os dois grupos serão destruidos, o terceiro durará até o fim do mundo: esta é dizem êles, a promessa feita por Deus a São Francisco.

O Espirito Santo, será distribuido abundantemente sôbre os eleitos espirituais e evangélicos como no dia de Pêntecostes sôbre os apóstolos discipulos de Cristo, na primitiva igreja. Êles ensinam que haverá dois Anticristos: um espiritual ou simbólico, outro, o verdadeiro e principal; o primeiro preparará os caminhos do segundo. O primeiro Anticristo, é o papa, (isto é, o papa João XXII), sob o qual terão lugar as suas próprias perseguições e condenações. A época da vinda do grande Anticristo, do início de sua pregação, de sua morte, terminará segundo uns em 1325, segundo outros em 1330, e segundo outros o mais tardar em 1335. Estes homens espirituais que são chamados evangélicos que estabelecerão a nova igreja, pregarão as doze tribus de Israel; êles converterão doze mil homens de cada tribo, ou

seja, 144 mil homens: esta será a milícia marcada pelo anjo levando o signo do Deus vivo, isto é, o santo Francisco que portava a stigmata de Cristo. Esta milícia combaterá contra o Anticristo e o matará antes da vinda de Elias e Enoch.

Haverá uma sucessão de grandes guerras e uma grande carnificina de povos cristãos; um número consideravel de seres humanos tombará durante esta guerra. Após a destruição desta igreja carnal, virão os Sarracenos e ocuparão a terra dos cristãos, tudo de acôrdo com a revelação feita a Pedro João Olivi, em Narbonne.

Com a destruição restarão doze homens espirituais que converterão o mundo a verdadeira fé de Cristo; todo, o mundo será bom e misericordioso, os homens não serão mais maliciosos e serão sem pecado, todos os bens, serão de uso cocum, (et omnia erunt communia quoad usum); ninguém ofenderá ao próximo e o levará ao pecado, onde, reinará a caridade entre os homens e haverá um rebanho e um pastor. De acôrdo com alguns este estado durará cem an s; is a caridade(o amor) diminuirá, a malícia se introduzirá paulatinamente entre os homens e chegará a tais excessos que o Cristo virá forçosamente para o julgamento geral.

As invectivas contra o papa são violentas: símbolo do Anticristo, seu precursor e preparador de seu caminho, o chamam de lobo rapaz que deve ser evitado pelos fiéis; de profeta tortuoso o cego, grão-sacerdote Chaifas, que conde nou a Cristo; javali da floresta, bôsta feroz que destrói o muro da igreja de Deus para deixa-la exposta aos cães e porcos, isto é, aos que pisoteiam a perfeição da vida evangélica; herético dos piores que já houveram e que levou a igreja de Deus a ser uma sinagoga do diabo.

A perseguição contra os Beguinos foi ocasionada pela publicação da bula Sancta Romana. (30/12/1317).

Quanto a Inquisição contra tais heréticos, ela, começou na provincia de Narbonne em 1318 e em Toulouse, em Pamiers no ano de 1322, quando João XXII ordenou em 26 de Fevereiro deste ano ao bispo de Pamiers de investigar os Beguinos. O próprio Bernard Gui, que nos forneceu esta descrição dos Beguinos atuou contra êles em 1322 e em 1323 com êle próprio testemunha em seu livro das Sentenças. De acôrdo com Wadding, os inquisidores franciscanos condenaram cento e quatorze à fogueira em 1323. M. Tanon na sua Histoire des Tribunaux de Inquisition, p. 84, afirma que nós não conhecemos senão que uma pequena parte das execuções que tiveram lugar. Mosheim, em sua obra De Begardis et Beguinabus commentarius, revelou, em um julgamento da Inquisição, de Carcassonne, uma lista de 113 supliciados, a partir de 1318.

(1) Limborch, História Inquisitionis, p. 393-394.

(2) Annales Minorum, T. VI (Roma, 1730), p. 296, n.º 44, ann. 1317.

APENDICE

Dois caracteres da doutrina dos Beguinos na Practica Inquisitionis heretice pravitatis, autore Bernardo Guidonis (Les classiques de l'histoire de France au Moyen Age, Paris, 1964).

"habere et tenere plures errores ac opiniones erroneas, extolentes se adversus Romanam ecclesiam et apostolicam sedem ac contra primatum sedis ejusdem et contra apostolicam potestatem domini pape ac prelatorum ecclesie Romane". p. 110.

"Notandum quoque est quod inter eos sunt aliqui qui publice mendicant hostiatim, quia, ut, dicunt, noverunt evangelicam paupertatem: Sunt et alii qui non mendicant, publice, set aliqua suis membris operantur et lucrantur et pauperam vitam docunt". p. 116.

C O N C L U S Ã O

CONCLUSÕES

Vimos na Introdução de nosso trabalho, que as heresias dos séculos XII e XIII tinham uma profunda base popular decorrente de um processo que vinha alterando paulatinamente as bases, tradicionalistas, mais estáveis, da sociedade medieval até ao ano 1000, configurando-a com novos elementos anteriormente inexistentes.

Apontamos o crescimento demográfico, o impulso mercantil renovado, a aglomeração na urbe com sua nova divisão social, como fatores que atuaram para tal transformação.

Por outro lado, sob o aspecto das idéias, assistimos a determinado impacto sofrido pela camada ilustrada, causado pela introdução do pensamento aristotélico e sua interpretação arábico-hebraica no mundo latino, que forneceu alguns elementos teóricos para a formulação da heresia.

Com essa expansão social e os novos elementos naturais, se dá o crescimento do individualismo religioso, típico dos séculos XII e XIII. A religiosidade desta época foge dos padrões oficiais, porque tudo leva à busca de novas interpretações. Não é por acaso que surgem as ordens religiosas neste período histórico, com personalidades como as de S. Francisco de Assis e S. Domingos. Pois atrás de tudo isto podemos ver o profundo abismo que começa a se abrir e a separar a religião oficial ditada por seus representantes e a religiosidade popular que emana de novas circunstâncias.

A Igreja da época é incapaz de fazer frente à onda crescente do anti-sacerdotalismo que caracteriza esta nova religiosidade, que parece ansiar por uma religião mais humana, mais próxima ao palpitar do coração popular. Até no repentino despertar para a adoração da Virgem nessa época podemos ver um traço de humanização inspirado num cristianismo popular.

A Igreja da época, dominada por canonistas e administradores de latento, devotada à criação de um imenso e complexo corpo político, jurídico e financeiro, no que implicava fazer acôrdos, assumir compromissos e fazer concessões com reis e imperadores, era incapaz de fazer frente às novas exigências religiosas. Mesmo Inocência III, ou Gregório IX, que se aproximaram do nôvo espírito de religiosidade, estavam mais ocupados com o mundo legalístico, político e diplomático do corpo eclesiástico para darem de seu tempo a compreensão de tal fenômeno. Não é que tal papado houvesse abandonado os ideais da reforma gregoriana, mas outrossim, se preocupavam com o aspecto mais palpável desta reforma: a fortificação e a independência da Igreja do poder laico. Também a ordem monástica tinha perdido sua austeridade de conduta e se encontrava desprestigiada por frequentes escândalos e por sua vida clerical.

Daí, a aspiração das heresias, em oposição a uma Igreja carnal, descreverem um futuro em que reinará uma Igreja espiritual, desvinculada de todo bem terreno, ao seu ver a verdadeira Igreja de Cristo e seus Apóstolos. Trata-se do ideal de uma Igreja santa, com um sacerdócio purificado, vivendo a pobreza evangélica.

Podemos concluir que o Evangelho Eterno, a última idade da Igreja e tudo que é pré-anunciado no Apocalipse, é parte da visão herética e comum à maioria das heresias da época. A pobreza evangélica, a volta à simplicidade do cristianismo primitivo também é uma idéia central e marcante destas heresias, de valdenses a beguinos, ao ponto da idéia ser declarada herética pelo papado do século XIV. Poderíamos julgar o pronunciamento de Pascoal II (1099-1116), ardoroso partidário da reforma gregoriana, ao encerrar a controvérsia das investiduras, abandonando a riqueza e o poder da Igreja germânica às mãos do rei germano, como precursora da doutrina da pobreza apostólica da Igreja. Também laicos devotos não deixavam de criticar em termos ásperos o papado e o sacerdócio, sem estarem filiados à heresia. Vejamos como se expressa um homem como Walter von den Vogelweide:

St. Peter chair is filled to-day as well
As when 'twas fouled by Gerbert sorcery;

For he consigned himself alone to hell,
While this pope thither drags all Christentie.
Why are the chastisements of Heaven delayed?
How long wilt thou in slumber lie, O Lord?

Thy work is hindered and Thy word ganisaid,
Thy treasurer steals the wealth that Thou
hast stored.

Thy ministers rob here and murder there,
And o'er Thy sheep a wolf has shepherd's care.

No fundo a heresia reformula a missão espiritual da Igreja após muitos séculos de esforços por parte de seus representantes para fortificarem a concepção de

(1) Extraído de "The Medieval World. 300-1300". Ed. Norman F. Cantor, Columbia University, 1963, p. 261.

que todo poder emana dela. Esta total volta a uma religião puramente espiritual, é, talvez, a maior contribuição do pensamento herético nos séculos XII e XIII. Porém sua idéia central que é sua força, não deixa de encerrar sua debilidade. A aspiração de tornar a uma Igreja Espiritual estava fora do tempo presente (é sintomático que ela transfira a realização de suas concepções para um futuro distante, frequentemente envolto de mistérios apocalípticos). Quando o papa-eremita Celestino V é eleito e se espera que êle consiga avançar no tempo, realizando parte das aspirações heréticas, êle se vê dominado por seus conselheiros, aturdido pelo aparato material da Igreja, massacrado por uma função que não é mais de santos e puros. As chaves de São Pedro eram pesadas em demasia para o papa-eremita, que acaba se conduzindo como uma figura estranha e pequena, perdida no imenso palácio papal. A realidade tinha vencido êsse tipo de cristianismo ingênuo e puro, e a história da Igreja se mostrava irreversível. Quem poderia, agora, construir a Cidade Celestial, a ambicionada Civitas Dei agostiniana?

B I B L I O G R A F I A

Bibliografia geral

- DAVIS, Georgene W. - The Inquisition at Albi (1299-1300). New York, Columbia Press, 1948.
- DOLLINGER, J. - Beiträge zur sektengeschichte des Mittelalters. V.2, 1890.
- GEBHART, E. - La Italia mistica. Buenos Aires, Ed. Nueva Buenos Aires, 1943.
- GRUNDMANN, H. - Religiöse bewegungen im Mittelalter, 1935.
- HAVET, Julien - L'herésie et le bras séculier au moyen age jusqu'au 16^e XIIe. siècle. In B. de l'École de Chartres, t. XLI, 1880.
- HASKINS, C.H. - The Renaissance of the twelfth century. Cambridge, 1927.
- LEA, H. Ch. - The Inquisition of the middle ages. London, Eyre and Spottiswoode, 1963.
- LIMBORCH - Historia Inquisitionis. Ed. Henricum Wetstenium, Amstelodami, 1692.
- MAISONNEUVE, H. - Études sur les origines de l'Inquisition. Paris, Lib. Philosophique J. Vrin, 1942.
- MANSI, J.D. - Sacra Conciliorum Collection, Florence-Venise, 1759-98. Paris, 1901.
- PERRIN, Ch. Edmond - L'église et la vie religieuse de 1305 à 1378. Paris, Centre de Documentation Universitaire, s.d.p. (mimeografado).
- PELAYO, M.M. - Historia de los heterodoxos. Madrid, B.A. C., 1965, 2 vol.
- TOCCO, F. - L'eresia nel Medio Evo. Florença, 1884.
- TUECHLE, H. & BIHLMAYER, K. - História da Igreja. São Paulo, ed. Paulinas, 1964.
- VOLPE, G. - Movimenti religiosi e sette ereticali nella società medievale italiana. Florença, 1926.

Fontes impressas

- BERNARDUS GUIDONES (Bernard Gui) - Practica inquisitionis haereticarum pravitates. Paris, Ed. Les Class. de l'Histoire de France au Moyen Age, 1964.
- GIOACCHINO DA FIORE - Tractatus super quatuor Evangelia. Roma Istituto Storico Italiano, 1930.
- INNOCENTIUS III - Epistolae, In M.P.L., vol. CCXIV-CCXVI.
- MONETA DE CREMONA - Summa contra katharos et valdenses. Roma, Ed. Ricchini, 1743.
- NICOLAS EYMERIC - Directorium inquisitorum. Romae, Ed. F. Pegna, 1578.

- OTTO DE FREISINGEN - Chronicon Frederici I, In M.G.H.,
Script, vol. XX.
PIERRE DES VAUX-CERNAY - Historia Albigenses. Paris, Ed.
Guebin et Lyon, 1926.
SALIMBENE - Chronica, M. G. H., Script., t. XXXII, Hanno-
ver, 1905.
S. BERNARDO - Carta 241; In M.P.L., vol. CLXXXII, col. 434.

Albigenses ou Catharos

- AEGERTER, E. - Les hérésies du moyen age. Paris, Ed. Lib.
Ernest Leroux, 1939.
BELPERRON, P. - La croisade contre les Albigeois, 1209-
1229. Paris, 1942.
CHANSON de la Croisade Albigeoise. Paris, Les Classiques
de l'Histoire de France au Moyen Age, 1931.
DOUDAINE, A. - Un traité neomanicheen du XIIIe. siècle.
Roma, 1939.
DOUAIS, C. - Les albigeois, leurs origines. Paris, 1879.
DOUAIS, C. - L'Inquisition, ses origines et sa procedure.
Paris, 1906.
GUIRAUD, J. - Histoire de l'Inquisition au Moyen Age, I
Chatares et Vaudois. Paris, 1935.
GUIRAUD, J. - Le consolamentum cathare; In Revue des
Questions Historiques, t. XXV, 1904.
HOLMES, E. - The Albigensian or Catharist heresy. London,
1925.
LEA, H.Ch. - A history of the Inquisition of the Middle
Ages. New York, 1888, 3 vol.
LUCHAIRE, A. - Innocent III, t. II: La croisade des Albi-
geois. Paris, 1911.
ROCHÉ, D. - Le catharisme. Toulouse, 1947.
ROCHÉ, D. - L'Église romaine et les cathares albigeois.
Paris, 1957.
RUNCIMAN, S. - Le manicheisme médiéval. Roma, 1953.

Valdenses
=====

- COMBO, E. - Storia dei valdesi. Torre Pellice, 1935.
DAVIDSON, S.E. - Forerunners of S. Francis and other stu-
dies. London, 1928.
GAY, T. - Histoire des Vaudois. Paris, 1912.
GONNET, G. - Il valdismo medievale. Torre Pellice, 1942.
GONNET, G. - Fonti per la storia del valdesismo medieva-
le. Roma, 1951.

- GONNET, G. & HUGON, A.A. - Bibliografia valdese. Torre Pellice, 1954.
- THOUZELLIER, C. - Catharisme et Valdeisme en Languedoc a la fin du XIIe. et au début du XIIIe. siècle. Paris, 1966.

Pseudo-Apóstolos (e outras heresias mencionadas na introdução)

- KERAMP, J. - Miscellanea Ehrle. Roma, 1924.
- MOR, W. - Annales Universitates Saravienses, 1954.
- TOCCO, F. - Gli Apostolici e fra Dolcino. In Archivio Storico Italiano, serie V, t. XIX, 1897.
- TOCCO, F. - Guglielmo bosma e i Guglielmiti. Roma, 1901.

Joaquim de Flora
=====

- BONDATTI, Guido - Gioachinismo e Francescanesimo nel Duecento. Assisi, 1924.
- BUONAIUTI, E. - Introduzione ao Tractatus super quatuor Evangelia. Roma, 1930.
- DENIFLE, F. - Das Evangelium aeternum und die Commission zur Anagni. In Archiv für Literatur und Kirchengeschichte. T. I, 1885.

Beguinos

- ALLARD, Paul - Saint François d Assise et la féodalité. In Revue des Questions Historiques, t. XLVIII, 1890, p. 567-76.
- CONGAR, Y. - Aspects ecclesiologiques de la querelle entre mendiants et seculiers dans la seconde moitié du XIIIe. siècle et le début du XIVe. In Arch. d'Hist. Doctrinale et Littéraire du Moyen Age, XXVIII, 1961, p. 35-151.
- EHRLE, F. - Pétrus Johánnes Olivi, sein Leben und seine schriften. In Arch. f. Literatur und Kirchengeschichte, t. III, ann. 1887.
- GREVEN, J. - Die anfangs des Beginen, 1912.
- MARTI, J.M. & POU y, O.F.M. - Visionarios, Beguiños e Praticellos catalanics (sec. XIII-XV), Vich, 1930.
- LAMBERT, D. - Franciscan poverty. The doctrine of the absolute poverty of Christ and the Apostles in the Franciscan Order. London, 1961.
- MOSHEIM, - De Begardis et Beguinabus commentarius. Leipzig, 1790.
- WADDING, L. - Annales Minorum, t. VI. Roma, 1730.
- ZANONI, L. - Gli Umiliati nei loro rapporti con l'eresia. Milano, 1911.